

ANAIIS

Trabalhos Completos

Escavando História:
São Raimundo Nonato
além dos cem anos

II Exposição e
I Ciclo de Palestras

Publicação: UNIVASF

Periodicidade: Anual

ISSN: 2358-7717

19 a 21 de agosto de 2013



Grupo PET - Arqueologia / UNIVASF
petescavandohistoria@gmail.com

II Exposição I Ciclo de Palestras

Realização

Grupo PET Arqueologia / UNIVASF
Campus Serra da Capivara

Organização

Celito Kesting

Colaboração

Janaína Carla dos Santos
Leandro Surya Carvalho de Oliveira Silva
Mauro Alexandre Farias Fontes
Nívia Paula Dias de Assis
Vivian Karla de Sena
Waldimir Maia Leite Neto
Gisele Daltrini Felice

Apoio Administrativo

José Hermes Carvalho Paes
Lívia de Oliveira e Lucas
Paulo Oliveira Silva
Sandro Ribeiro de Castro

Membros Externos

Alix Pereira Galvão – REEEPI
Ana Stela de Negreiros Oliveira – IPHAN
Déborah Gonsalves Silva – UESPI
Niède Guidon – FUMDHAM

Bolsistas

Claudio Marcio Barbosa de Siqueira
Ilanthe Santos Silva
Ingrid Lopes de Oliveira
Jéssica Rafaella de Oliveira
José Nicodemos Chagas Júnior
Leonardo Tomé de Souza
Lucas Braga da Silva
Rodrigo Bernardo da Silva
Silvyo Bruno Guerra Correia
Taiguara Francisco Alexo da Rocha Silva
Tamara Grazielli Cavalcante Morais

Voluntários

Amanda Nunes Cavalcante
Jaime de Santana Oliveira
Jaqueline Lima de Amorim
José Thiago Alves dos Santos Silva

ANNAIS

Trabalhos Completos

Escavando História:
São Raimundo Nonato
além dos cem anos

II Exposição e
I Ciclo de Palestras

Publicação: UNIVASF
Periodicidade: Anual
ISSN: 2358-7717



19 a 21 de agosto de 2013



Grupo PET - Arqueologia / UNIVASF
petescavandohistoria@gmail.com

ISSN 2358-7717

**ANAIS DA II EXPOSIÇÃO E I CICLO DE PALESTRAS
DO PROJETO ESCAVANDO HISTÓRIA: SÃO
RAIMUNDO NONATO ALÉM DOS CEM ANOS**



GRUPO PET ARQUEOLOGIA / UNIVASF
Rua João Ferreira dos Santos, S/N
Bairro Campestre – CEP: 64.770-000
E-mail: petescavandohistoria@gmail.com
São Raimundo Nonato – PI

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
PALESTRAS	
1 Debate sobre o filme Menos que Nada	9
<i>José Nicodemos Chagas Júnior</i>	
2 Organização Geográfica do Município de São Raimundo Nonato: da sua formação aos dias atuais	12
<i>Claudio Marcio Barbosa de Siqueira, Jéssica Rafaella de Oliveira e José Nicodemos Chagas Júnior</i>	
3 A Casa da Bolandeira	22
<i>Leonardo Tomé de Souza e Rodrigo Bernardo da Silva</i>	
4 Debate sobre o filme Cinema Paradiso	40
<i>Taiguara Francisco Alexo da Rocha Silva</i>	
5 O Uso da Computação Gráfica como Ferramenta para reconstrução de Edificações Históricas: uma aplicação no Município de São Raimundo Nonato	47
<i>Flávio de Araújo Carvalho</i>	
6 Rio e Vegetação: Um estudo de caso do Rio Piauí na área urbana de São Raimundo Nonato - PI	48
<i>Alessandra Rocha da Silva, Nina Rosa Pereira Ledoux, Iunny Sousa Macedo, Selena Samara Gomes da Silva, Suele Magalhães Cerqueira, Ingrid Lopes de Oliveira, Isla Katyuccy dos Santos Nascimento e Nataício Reges de Oliveira</i>	
7 Lançamento e Apresentação da Cartilha Escavando História: São Raimundo Nonato Além dos Cem anos	65
<i>Celito Kesting</i>	
8 Relatório das Atividades do Grupo PET – Arqueologia de 2012	69
<i>Celito Kesting</i>	



**II Exposição e I Ciclo de Palestras do Projeto:
Escavando História: São Raimundo Nonato além dos
cem anos, do Grupo PET-Arqueologia / UNIVASF**

PROGRAMAÇÃO

Local: Antigo Pró-Arte

Período: de 19 a 21 de agosto de 2013

Horário: 9h às 22h

1º DIA – SEGUNDAFEIRA (19/08/2013)

Horário	Atividade
09:00	Inscrições para ouvintes e cursistas
14:00	Minicurso: História Oral: conceitos e técnicas (Teoria) (Prof. Msc. Déborah Gonsalves Silva)
16:30	Intervalo
17:00	CINE-PET (Cine Debate) - Menos que Nada – Classificação 12 anos (José Nicodemos Chagas Júnior)
19:00	Intervalo
19:30	1ª Palestra - O Povoamento Colonial do Sudeste do Piauí: Indígenas e Colonizadores, Conflitos e Resistência (Dra. Ana Stela de Negreiros Oliveira)
20:20	2ª Palestra - Organização Geográfica do Município de São Raimundo Nonato: da sua formação aos dias atuais (Claudio Marcio Barbosa de Siqueira, Jéssica Rafaella de Oliveira e José Nicodemos Chagas Júnior)
21:10	3ª Palestra - A Casa da Bolandeira (Leonardo Tomé de Souza e Rodrigo Bernardo da Silva)
22:00	Encerramento do 1º dia

2º DIA – TERÇA-FEIRA (20/08/2013)

Horário	Atividade
09:00	Exposição e visitas agendadas (guiadas)
14:00	Minicurso: História Oral: conceitos e técnicas (Prática) (Prof. Msc. Déborah Gonsalves Silva)
16:30	Intervalo
17:00	CINE-PET (Cine Debate) – Cinema Paradiso – Classificação 14 anos (Taiguara Francisco Aleixo da Rocha Silva)
19:00	Intervalo
19:30	1ª Palestra - Arranjos de Sobrevivência: família e compadrio na São Raimundo Nonato oitocentista (Prof. Msc. Déborah Gonsalves Silva)
20:20	2ª Palestra - O uso da computação gráfica como ferramenta para reconstrução de edificações históricas: uma aplicação no Município de São Raimundo Nonato (Flávio de Araújo Carvalho)
21:10	3ª Palestra - Rio e Vegetação: um estudo de caso do Rio Piauí na área urbana de São Raimundo Nonato-PI (Alessandra Rocha da Silva, Nina Rosa Pereira Ledoux, Lunny Sousa Macêdo, Selena Samara Gomes da Silva, Suele Magalhães Cerqueira, Ingrid Lopes de Oliveira, Isla Katyuccy dos Santos Nascimento, e Natalício Regis de Oliveira)
22:00	Encerramento do 2º dia

3º DIA – QUARTA-FEIRA (21/08/2013)

Horário	Atividade
09:00	Exposição e visitas agendadas (guiadas)
14:00	Documentário e exposição da Turma de Preservação Patrimonial III, com a coordenação da Prof. Dra. Selma Passos Cardoso
16:00	Intervalo
16:30	Documentário e exposição da Turma de Preservação Patrimonial III, sob a coordenação da Prof. Dra. Selma Passos Cardoso
18:30	Intervalo
19:00	Lançamento e apresentação da Cartilha Escavando História: São Raimundo Nonato além dos cem anos (Prof. Dr. Celito Kesting)
21:00	Encerramento do Evento

APRESENTAÇÃO

Nos dias 19 a 21 de agosto de 2013, realizaram-se a II Exposição e o I Ciclo de Palestras do projeto Escavando História: São Raimundo Nonato além dos cem anos. Na oportunidade, expuseram-se artefatos e fotografias de acontecimentos da história do Sudeste do Piauí. Durante o evento, proferiram-se palestras sobre temáticas relacionadas à Arqueologia, à História e ao Patrimônio. Realizaram-se essas atividades para atender ao objetivo de transpor os horizontes da academia. Tinha-se a intenção de divulgar os resultados dos trabalhos de pesquisa e efetuar discussões dialógicas sobre eles. Visou-se propiciar um espaço para discussão e reflexão sobre Arqueologia, Patrimônio e História.

Os artefatos expostos representavam aspectos do cotidiano dos grupos extrativistas de látex que outrora habitaram a região. As fotografias complementaram visualmente os contextos espaciais e geográficos em que se encontraram os artefatos. Realizaram-se as palestras no pátio principal do prédio da Pró-Arte / FUNDHAM onde se fez, também, o lançamento e a distribuição de uma cartilha (ISBN 978-85-60382-25-5) para ser utilizada nas escolas do município de São Raimundo Nonato. Apresentou-se, também, o livro Escavando a História de São Raimundo Nonato – PI (ISBN 978-85-60382-27-9) para ser utilizado nas escolas de nível médio e superior da região Sudeste do Piauí. Estruturou-se o ambiente com cadeiras e equipamentos para as exposições orais. Foram palestrantes alguns bolsistas e convidados do Colegiado de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) e funcionários do Instituto Proteção Histórico Artístico Nacional (IPHAN) da cidade de São Raimundo Nonato.

Com a Exposição do Acervo Arqueológico e Histórico, conseguiu-se integrar a população local e os acadêmicos da região na discussão dialógica dos temas e das pesquisas. Propiciou-se, assim, um espaço de discussão sobre Arqueologia, História e Patrimônio. Houve troca de experiências e informações entre palestrantes e participantes contribuindo no processo de reflexão sobre a pesquisa relacionada com as áreas de Arqueologia, História e Patrimônio. Gerou-se, assim, um profícuo enriquecimento acadêmico não somente relativo à região Sudeste do Piauí, mas também da área de conhecimento arqueológico, de modo geral. Diversos trabalhos deste encontro foram apresentados na VI Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão (SCIENTEX) realizada no Campus Universitário da UNIVASF em Petrolina – PE, no período de 21 a 23 de novembro de 2013.

DEBATE SOBRE O FILME MENOS QUE NADA

José Nicodemos Chagas Júnior

Figura 1 – Projeção do filme



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 2 – Projeção do filme



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 3 – Projeção do filme



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 4 – Projeção do filme



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 5 – Projeção do filme



Foto: Celito Kesting (2013)

ORGANIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO MUNICÍPIO DE SÃO RAIMUNDO NONATO: DA SUA FORMAÇÃO AOS DIAS ATUAIS

*Claudio Marcio Barbosa de Siqueira¹
Jéssica Rafaella de Oliveira²
José Nicodemos Chagas Júnior³*

RESUMO

Apresenta-se a organização geográfica do Município de São Raimundo Nonato, da sua fundação aos dias atuais. Trata-se de uma análise de como o município se configurou ao longo do tempo, com desmembramentos e aquisições territoriais. Sua história teve início com um decreto da regência do Império, em 1832, quando foi elevado a distrito eclesiástico, com sede em um lugar conhecido como Confusões. Em 1836, sua sede foi transferida para Jenipapo, onde prosperava um núcleo colonial dedicado à lavoura e à pecuária. Em 1850, sua sede foi elevada à categoria de vila e, em 1912, adquiriu foro de cidade. Seu processo histórico de organização contempla vários atores nem sempre evidenciados pela historiografia oficial. Seu território foi definido e muitas vezes redefinido. No espaço em que, originalmente, havia um único município hoje existem 33 que dele se desmembraram.

12

Palavras-chave: Organização geográfica. São Raimundo Nonato. Piauí.

¹ Estudante do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); Bolsista do Grupo PET – Arqueologia. E-mail: cmbs.argl@gmail.com

² Estudante do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); Bolsista do Grupo PET – Arqueologia. E-mail: jessicaoliveira108@gmail.com

³ Estudante do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); Bolsista do Grupo PET – Arqueologia. E-mail: nicodemoschagas@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Mesmo antes de o Piauí existir como estado, suas terras pertenceram, até os séculos XVI e XVII, às províncias de Pernambuco, da Bahia e do Maranhão. A história mostra a edificação de capelas em povoados, vilas e freguesias que, geralmente transformaram-se em núcleos urbanos e cidades. Segundo a historiografia oficial, a ocupação desse território deu-se por parte de personagens ilustres, desbravadores e aventureiros que fizeram guerra contra os gentios. Formaram-se, assim, ocupações humanas coloniais utilizando principalmente da pecuária extensiva como fonte econômica.

A organização geográfica do Município de São Raimundo Nonato, Sudeste do estado do Piauí, teve início com um decreto da regência do Império, em 1832, quando foi elevado a distrito eclesiástico, com sede em um lugar conhecido como Confusões. Em 1836, sua sede foi transferida para Jenipapo, onde prosperava um núcleo colonial dedicado à lavoura e à pecuária. Em 1850, sua sede foi elevada à categoria de vila e, em 1912, adquiriu foro de cidade.

Seu território foi definido e muitas vezes redefinido. No espaço em que, originalmente, havia um único município hoje existem 33 que dele se desmembraram. No entanto, tal conhecimento está envolto numa espécie de cortina de fumaça, impossibilitando que a população conheça clara e limpidamente essa história.

13

2 OBJETIVOS

O processo histórico que compreende desde a fundação do Município de São Raimundo Nonato até os dias atuais, contempla vários atores nem sempre evidenciados pela historiografia oficial. Objetiva-se elucidar o maior número de personagens possíveis além daqueles já conhecidos nos livros de história. Desta forma, pretende-se ampliar o conhecimento sobre o desenvolvimento do município.

3 METODOLOGIA

Nenhum trabalho deve ser iniciado sem uma minuciosa investigação nos livros sobre o assunto. Normalmente, as informações já escritas precisam ser reorganizadas para uma fácil compreensão do contexto, após o levantamento bibliográfico detalhado, registrando

cada personagem histórico. Entende-se que a melhor maneira de elucidar atores que porventura tenham sido esquecidos pela historiografia oficial é consultar o conhecimento popular, a história oral, através de entrevistas espontâneas com moradores da região. Estas entrevistas ainda estão por se realizar.

A partir de relatos pode-se relacionar e/ou comparar os personagens evidenciados na fala dos cidadãos sanraimundenses com os personagens históricos. Assim se descobrem personagens ocultados nos livros. Registram-se, trazem-se a público as novidades que a população ajuda a resgatar.

4 RESULTADOS

Em 1851, São Raimundo Nonato foi desmembrado dos municípios de Jaicós e de Jerumenha. O território pertencente a São Raimundo Nonato entre 1872 e 1997 foi reorganizado de forma que deu origem a dez novos municípios. A organização do seu espaço original deu-se por uma questão econômica. Segundo Santana (2001, p. 29), “(...) s origens e a história inicial do Piauí se prendem à expansão dos engenhos e das fazendas de criação, a motivos militares, às dificuldades inerentes à navegação na costa além do Ceará [e] à crise do açúcar”.

A instalação da vila de São João do Piauí, decretada pela resolução provincial em 1872, foi o primeiro processo de separação do território de São Raimundo Nonato.

Em 1912, Caracol até então distrito de São Raimundo Nonato, foi elevado à categoria de município. Um decreto estadual de 1931 extinguiu-o, recolocando-o dentro do território de São Raimundo Nonato. Em 1947, por ato das disposições constitucionais transitórias, foi elevado novamente, à categoria de município, com sua sede instalada no ano seguinte.

Em 1962, o ex-povoado de Tamanduá, foi desmembrado de São Raimundo Nonato passando a ser o município de Anísio de Abreu. Em 1979, uma lei estadual elevou, à categoria de município, o distrito de Dirceu Arcoverde, desmembrando-o de São Raimundo Nonato, instalando-se em fevereiro de 1983. O município de Dom Inocêncio foi desmembrado de São Raimundo Nonato em 1988, sendo instalado no ano seguinte.

Em 1962, o município de Bonfim de Piauí foi decretado por lei estadual, desmembrando-se de São Raimundo Nonato, sendo instalado no ano seguinte. Em 1966, por força da resolução do decreto federal, é extinto e volta a ser anexado ao território de origem como simples distrito. Uma nova lei estadual de 1992 o recoloca como município,

sendo desmembrado novamente de São Raimundo Nonato, instalando-se como tal no ano de 1993.

Em 1962, o povoado de Várzea Grande passou a município com o nome de Coronel José Dias, desmembrando-se de São Raimundo Nonato. O senhor Batista Dias tomou posse como prefeito do município no mês de janeiro de 1963, mas governou por pouco tempo. Por ter sido ilegal o desmembramento, o prefeito recém empossado, foi cassado. Em 1992, uma lei votada pela Assembleia Legislativa e sancionada pelo governador, tornou legal o desmembramento oficializando o ato no ano seguinte.

São Braz do Piauí foi desmembrado de Anísio de Abreu e de São Raimundo Nonato, sendo elevado à categoria de município e distrito em 1989, porém, só foi regulamentado por lei estadual de 1992, tendo vigência no ano seguinte.

Em 1989, São Lourenço do Piauí foi elevado à categoria de município e distrito, tendo sua área territorial e seus limites estabelecidos em 1992. Desmembrado de São Raimundo Nonato foi instalado em 1993.

Várzea Branca foi o último município a ser estabelecido por desmembramento do território de São Raimundo Nonato, datando de 1993.

Esses municípios, uma vez desmembrados, deram origem a novas cidades que até a presente data pertencem ao estado do Piauí, configurando e reorganizando o espaço urbano e geográfico de todo o Sudoeste do estado. Os municípios desmembrados diretamente de São Raimundo Nonato, também sofreram desmembramento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para uma melhor organização e ilustração destes desmembramentos segue um anagrama com todas as cidades que, em algum momento da sua história tiveram ligação direta ou indireta com São Raimundo Nonato (Tab. 1 a 5).

Tabela 1 - Municípios que, no período de 1851 até os dias atuais, desmembraram-se diretamente de São Raimundo Nonato - PI

Município	Ano do Desmembramento
São João do Piauí	1872
Caracol	1912
Anísio de Abreu	1962
Dirceu Arcoverde	1983
Dom Inocêncio	1989

Bonfim do Piauí	1993
Coronel José Dias	1993
São Braz do Piauí	1993
São Lourenço	1993
Várzea Branca	1997

Tabela 2 – Desmembramentos secundários, a partir de São João do Piauí, Caracol, Anísio de Abreu e Dirceu Arcoverde

São João do Piauí	
Município Desmembrado	Ano do Desmembramento
Simplício Mendes	1905
Canto do Buriti	1915
São José do Peixe	1958
Socorro do Piauí	1962
Paes Landim	1962
Lagoa do Barro do Piauí	1993
Campo Alegre do Fidalgo	1997
Capitão Gervásio Oliveira	1997
João Costa	1997
Nova Santa Rita	1997
Pedro Laurentino	1997
Ribeira do Piauí	1997
Caracol	
Município Desmembrado	Ano do Desmembramento
Guaribas	1997
Anísio de Abreu	
Município Desmembrado	Ano do Desmembramento
Jurema	1997
Dirceu Arcoverde	
Município Desmembrado	Ano do Desmembramento
Fartura do Piauí	1993: Dirceu Arcoverde

Tabela 3 – Desmembramentos terciários, a partir de Simplício Mendes e Canto do Buriti

Simplício Mendes	
Município Desmembrado	Ano do Desmembramento
Santo Inácio do Piauí	1964
Campinas do Piauí	1964
Isaías Coelho	1964
Canto do Buriti	

Município Desmembrado	Ano do Desmembramento
Brejo do Piauí	1997
Pajeú do Piauí	1997
Tamboril do Piauí	1997

Tabela 4 – Desmembramento quaternário, a partir de Santo Inácio do Piauí

Santo Inácio do Piauí	
Município Desmembrado	Ano do Desmembramento
Floresta do Piauí	1997

Tabela 5 – Municípios cujas áreas, em 1851, pertenciam a São Raimundo Nonato

Município	Desmembramento (ano e local)
São Raimundo Nonato	1851: Jaicós e Jerumenha
São João do Piauí	1872: São Raimundo Nonato
Simplício Mendes	1905: Oeiras e São João do Piauí
Caracol	1912: São Raimundo Nonato
Canto do Buriti	1915: São João do Piauí
São José do Peixe	1958: Oeiras e São João do Piauí
Anísio de Abreu	1962: São Raimundo Nonato
Socorro do Piauí	1962: São João do Piauí
Paes Landim	1962: São João do Piauí
Santo Inácio do Piauí	1964: Simplício Mendes
Campinas do Piauí	1964: Simplício Mendes
Isaías Coelho	1964: Simplício Mendes
Dirceu Arcoverde	1983: São Raimundo Nonato
Dom Inocêncio	1989: São Raimundo Nonato
Bonfim do Piauí	1993: São Raimundo Nonato
Coronel José Dias	1993: São Raimundo Nonato
Fartura do Piauí	1993: Dirceu Arcoverde
Lagoa do Barro do Piauí	1993: São João do Piauí
São Braz do Piauí	1993: São Raimundo Nonato e Anísio de Abreu
São Lourenço	1993: São Raimundo Nonato
Várzea Branca	1997: São Raimundo Nonato
Bela Vista do Piauí	1997: Paulistana e Simplício Mendes
Brejo do Piauí	1997: Canto do Buriti
Campo Alegre do Fidalgo	1997: São João do Piauí e Lagoa do Barro do Piauí
Capitão Gervásio Oliveira	1997: São João do Piauí
Floresta do Piauí	1997: Santo Inácio do Piauí
Guaribas	1997: Caracol

João Costa	1997: São João do Piauí
Jurema	1997: Anísio de Abreu
Nova Santa Rita	1997: São João do Piauí
Pajeú do Piauí	1997: Canto do Buriti
Pedro Laurentino	1997: São João do Piauí e Socorro do Piauí
Ribeira do Piauí	1997: São João do Piauí, Socorro do Piauí e Canto do Buriti
Tamboril do Piauí	1997: Canto do Buriti e Brejo do Piauí

REFERÊNCIAS

SANTANA, R. N. Monteiro de. **Evolução histórica da economia piauiense**. 2 ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras – convênio com o Banco do Nordeste, 2001. 133 p.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ABDIAS, Neves. **O Piauí na Confederação do Equador: Contribuições para a História do Piauí**.

ANÍSIO, Brito. **Contribuição do Piauí à Guerra do Paraguai**.

ARAÚJO, J. L. L. (coord.) **Atlas escolar do Piauí: geohistórico e cultural**. João Pessoa: Grafset, 2006. 202 p.

BASTOS, Cláudio. **Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí**.

BRANDÃO, W. A. Formação Social. In: SANTANA, R. N. Monteiro de. **Evolução histórica da economia piauiense**. 2ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras – convênio com o Banco do Nordeste, 2001. Cap. 1. p. 13-40.

COSTA, F. A. Pereira da. **Cronologia Histórica do Estado do Piauí: desde os seus tempos primitivos até a proclamação de república**. Recife: Artenova S.A., 1909. V. I. 212p.

COSTA, F. A. Pereira da. **Cronologia Histórica do Estado do Piauí: desde os seus tempos primitivos até a proclamação de república**. São Cristovão: Artenova S.A., 1974. V. II. 597p.

NUNES, M. C. P; ABREU, I. Gonçalves de. Vilas e Cidades do Piauí. In: SANTANA, R. N. Monteiro de. **Evolução histórica da economia piauiense**. 2ed. Teresina, PI: Academia Piauiense de Letras – convênio com o Banco do Nordeste, 2001. Cap. IV. P. 83-112.

IBGE – Mapa da região de 1872.

SANTANA, R. N. Monteiro de. **Evolução histórica da economia piauiense**. 2ed. Teresina: Ed. Academia Piauiense de Letras – convênio com o Banco do Nordeste, 2001. 133 p.

APÊNDICE

Figura 1 – Apresentação do trabalho



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 2 – Apresentação do trabalho



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 3 – Apresentação do trabalho



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 4 – Apresentação do trabalho



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 5 – Apresentação do trabalho



21

Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 6 – Apresentação do trabalho



Foto: Celito Kesting (2013)

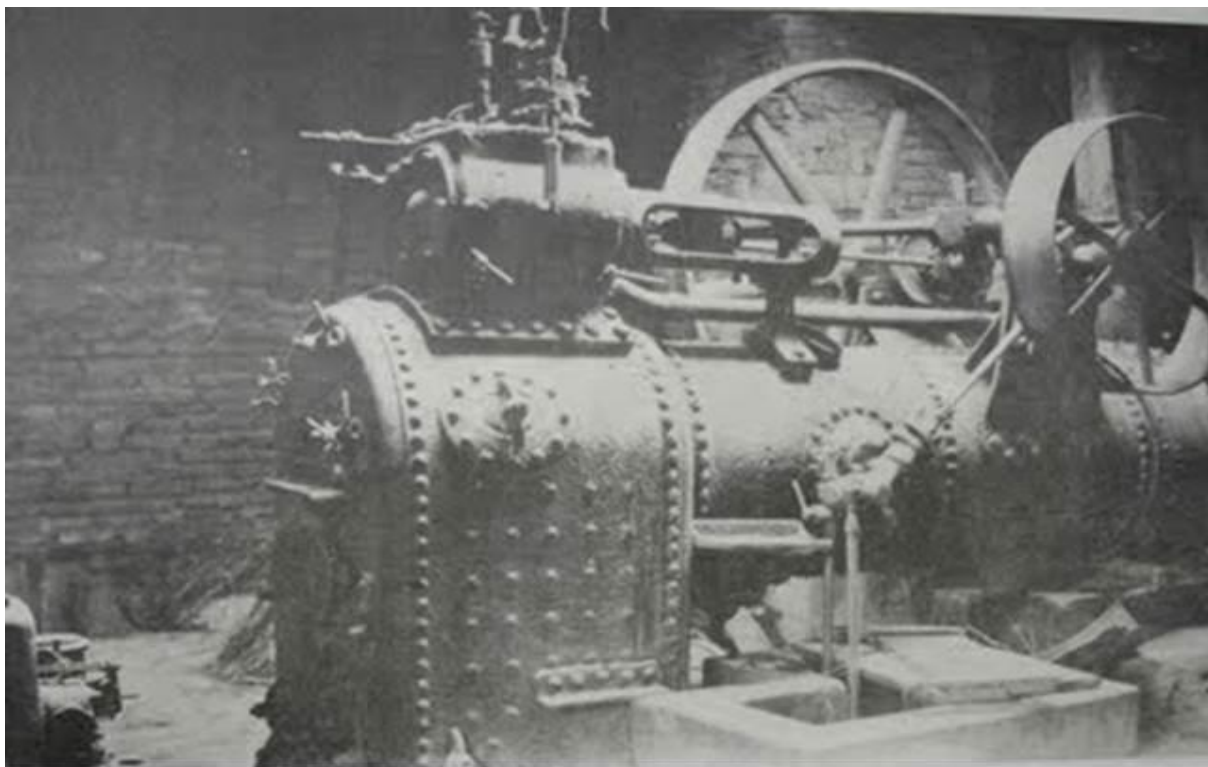
A CASA DA BOLANDEIRA

*Leonardo Tomé de Souza⁴
Rodrigo Bernardo da Silva⁵*

RESUMO

Prosseguindo com as atividades e propostas idealizadas pelo Grupo PET-Arqueologia / UNIVASF, apresenta-se o sítio arqueológico Casa da bolandeira, localizado no município de Caracol - PI. Este sítio foi, por muitos anos, um local de beneficiamento do algodão (processo que envolveu diferentes técnicas e tecnologias no decorrer do tempo) cultivado na região, onde grande parte dos produtores do gênero destinava o produto final de seu trabalho. A Casa da Bolandeira, como ponto centralizador do processo produtivo do algodão, nos moldes capitalistas locais, representa materialmente, os desenvolvimentos mecânicos e tecnológicos de um modo de produção regional (onde relações de poder, identidade e classe simultaneamente interagem). Ela representa, também, a memória coletiva local, onde os relatos sobre negociatas, enterramentos, batalhas, emboscadas e assombrações existem, resistem e permanecem junto com as ruínas materiais.

Palavras-chave: Arqueologia Histórica. Casa da Bolandeira. Algodão. Máquina a vapor.



22

⁴ Estudante do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); Bolsista do Grupo PET – Arqueologia. E-mail: tomedesouza11@hotmail.com

⁵ Estudante do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); Bolsista do Grupo PET – Arqueologia. E-mail: rodrigo1984bernardo@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A partir dos levantamentos histórico, bibliográfico e imagético, realizados pelo grupo PET-Arqueologia UNIVASF sobre a atual região sudeste do Piauí, onde se encontram as cidades de São Raimundo Nonato e Caracol, entrou-se em contato com obra de William Palha Dias intitulada: *Caracol na História do Piauí*, escrito em 1959⁶. O livro é um traçado histórico referente à formação e constituição da cidade de Caracol - PI, desde as primeiras investidas contra os indígenas (1808) até 1948. Apesar de não ter sido escrito por um historiador, é muito rico em informações históricas a respeito da região em foco, além de ser uma das poucas obras referentes à história local. Constitui-se, assim, uma historiografia da região. Sua leitura requer certo grau de atenção por parte do leitor, visto estar carregado de conceitos e abordagens racistas, preconceituosas e elitistas. Para o autor, a história da região está intrinsecamente ligada à história de sua família, tanto que, de todos os possíveis fatos, personagens e acontecimentos que possam fazer parte da história do município, só são descritos aqueles que estão diretamente ligados à família Dias.

Essa obra, assim como o discurso historiográfico da elite local representa de certo modo, a sua sobreposição sobre os demais grupos, subordinando-os a um relativo esquecimento. Serve, assim, como ferramenta de aniquilamento cultural, ideológico e social dos grupos subordinados locais (FUNARI, 2002). Diante desta perspectiva, torna-se de grande importância para o grupo PET-Arqueologia a construção de novas narrativas, menos exclusivistas e mais democráticas, onde os grupos subordinados possam ter o seu papel construtivo, e constitutivo da sociedade local (atual e pretérita) devidamente reconhecidos (FUNARI, 2002). Há que, paralelamente, desconstrua-se este tipo de narrativa exclusivista, preconceituosa e racista, que continua a ser reproduzida.

Este livro continua a ser uma das poucas obras que contém referências históricas locais. Ele é utilizado por professores e alunos das escolas e universidades da região. Ele traz, para o cenário histórico local, outras histórias, fatos, locais e personagens que também fazem parte do contexto local, mas que não são escritos e/ou publicados.

⁶ Membro da Academia Piauiense de Letras. Foi advogado, juiz e jornalista. Faleceu no dia 14 de fevereiro de 2012, aos 93 anos em Teresina-PI, quando se iniciava esta pesquisa. Era membro de uma família tradicionalmente reconhecida como pioneira da ocupação colonial na região. Entre 1808 e 1816, o Capitão José Dias Soares liderou diversos combates contra as populações nativas da região; posteriormente à "extinção" destes inicia-se a ocupação colonial na região de Caracol (OLIVEIRA, 2007; DIAS, 2003).

2 OBJETIVOS

Busca-se desvendar o contexto do sítio arqueológico Casa da Bolandeira. Procura-se entender e compreender a dinâmica deste local, tanto na esfera material quanto na esfera social, comparando-o com outros contextos similares da cotonicultura (cultura do algodão) e seus processos, tentando entender de forma mais ampla o contexto histórico do sítio em questão.

Una arqueología histórica latinoamericana debe funcionar como una herramienta para cuestionar nuestra realidad desigual y como mecanismo de cambio social. Para ello es fundamental un compromiso político del arqueólogo, asumiendo su responsabilidad en la construcción de un pasado plural. Se vuelve necesario así trabajar en escalas locales, intentando comprender las micro dinámicas que caracterizan e identifican a la sociedad o al grupo cultural estudiado (ZARANKIN, 2004, p.133).

3 METODOLOGIA

Levantamento bibliográfico, histórico, oral e imagético sobre a Bolandeira.

Reconhecimento, localização (via GPS) e identificação do possível sítio arqueológico conhecido como Casa da Bolandeira (construção histórica), no município de Caracol - PI.

Levantamento do grau de integridade, e potencialidade para se realizar um trabalho de escavação, e os possíveis fatores de destruição do sítio (antrópicos e/ou naturais).

Prospecção na área do entorno do sítio.

Registro fotográfico.

Levantamento inicial de informações orais de moradores próximos a localidade em questão .

Registro das informações obtidas em caderno de campo.

4 RESULTADOS

Ressalta-se que esta pesquisa não se encontra pronta ou acabada. Está-se apenas no começo das pesquisas locais, mais direcionadas. Somente com a realização de outras etapas da pesquisa arqueológica (escavação, por exemplo) é que se poderá efetivamente falar em resultados, no sentido amplo da palavra. Muitas pessoas ainda precisam ser entrevistadas e outros documentos ou informações históricas podem surgir. Porém, já se conta com algumas informações que, de certo modo, não deixam de representar um resultado da pesquisa envolvendo o sítio em questão.

4.1 Da Casa de Amansamento de Índios à Casa da Bolandeira

Voltando ao livro Caracol na História do Piauí, no quarto capítulo intitulado: "O povoamento", uma citação (e o seu possível potencial histórico, social e arqueológico), chamaram a atenção:

Consolidadas que foram as terras conquistadas, o comandante (José Dias Soares) deu início à construção de novas habitações, servindo para sua moradia e de seus filhos, para amansamento de índios, para quartel de tropa e ainda para residência de vaqueiros. A de amansamento de índios resistiu ao tempo até 1916, sem sequer sofrer o menor reparo, depois, destruída por mãos impiedosas. (DIAS, 2003, p. 36).

Diante desta citação, e com grande interesse em saber mais sobre o conturbado contexto do povoamento local, dedicou-se a pesquisar localmente sobre Casa de Amansamento. O que, porém, não se imaginava era que, pesquisando na região e em conversas com moradores locais, todas as informações recolhidas direcionavam-se à Casa da Bolandeira. Não se conseguiu confirmação alguma da possível existência da Casa de Amansamento. Porém, em uma dessas conversas (que mais pareciam entrevistas), com Ronisvon de Sousa Rocha, estudante de Pedagogia da UESPI e morador do Assentamento Saco, no município de Caracol, fez-se a clássica pergunta: já ouviu alguma história, ou relato a respeito de uma Casa de Amansamento de Índios? Como nas outras conversas, obteve-se a mesma resposta: Não... Reformulou-se a pergunta: E de alguma construção muito antiga, algum galpão ou algo parecido (supondo que este espaço teria de ter dimensões consideráveis para abrigar tal ofício)? A resposta veio prontamente: "Tem a Casa da Bolandeira". As informações que ele sabia a respeito deste local eram quase que folclóricas, contadas pelos mais antigos. Elas já tinham se tornado uma espécie de lenda local. Eram histórias de assombrações, emboscadas e tiroteios, pessoas enterradas no local, exploração do trabalho, grande quantidade de maquinários, marcas de tiros e sangue nas paredes. Começava aqui a busca por uma contextualização da Casa da Bolandeira, que permitisse ir além destes fragmentos históricos e materiais.

4.2 A Casa da Bolandeira

A Casa da Bolandeira como edificação não existe mais. Encontrou-se no local apenas parte dos alicerces e estruturas de base da construção (maior parte recoberta por sedimento), restos de tijolos (provenientes das antigas paredes e/ou do piso), cacos de telhas e alguns artefatos (metálicos, vítreos, cerâmicos e de louçaria) em superfície. Como

parte da estrutura estava pouco visível, foi necessária a limpeza em alguns trechos, para que se pudesse efetuar uma medição estimativa da antiga área construída, que era de 13 m de largura por 21 m de comprimento (estrutura principal). Em parte da estrutura há uma mudança no nível do piso, o que pode indicar um cômodo da antiga estrutura.

O local hoje se encontra ao lado de uma estrada de terra que liga a localidade Lagoinha a Caracol (coordenadas: 23L684822; UTM8974194; distante 2 km do centro de Caracol) no lado direito de estrada para quem vai de São Raimundo a Caracol (possivelmente era a antiga estrada de acesso a Caracol). A área está cercada com arame farpado. O acesso ao local se dá por um portão de metal bem antigo, que se encontrava aberto. Ainda não se conseguiu encontrar o atual proprietário do terreno que, nos últimos sessenta anos, passou pelas mãos de pelo menos três proprietários. O terreno serve hoje para a criação de animais (ao lado da antiga construção existe um cocho). Distante 20 m, encontram-se as ruínas do que parece ter sido uma antiga residência, de pequenas proporções, ainda com partes das paredes em pé e aparentemente mais recente do que a estrutura da Casa da Bolandeira (Fig. 1).

Figura 1 – Área onde se localizava a Casa da Bolandeira



Foto: Rodrigo Bernardo da Silva (2012)

Os fragmentos de tijolos e telhas estão espalhados por uma grande área, num raio de 80 m. A maioria era de tijolos (as telhas podem ter sido reaproveitadas). Como se estava no auge da estação seca, com pouca ou quase nenhuma vegetação, conseguiu-se ter uma boa visualização da área do entorno. Percebe-se que o local é estratégico. Ele está no cume da elevação local (514 m em relação ao nível do mar), de onde se tem ampla visão do entorno (Fig. 2). Na parte mais baixa parece formar uma pequena lagoa na estação chuvosa (há cacimbas escavadas nesta área).

Figura 2 – Local da antiga Casa da Bolandeira



27

Fonte: Google Earth (2013), modificado pelos autores

Não há residência alguma no raio de 1 km, porém, ao se chegar ao local, apareceu um senhor (que não quis se identificar) em busca de um animal. Perguntou-se a ele se era o dono do terreno. Ele respondeu que não. Disse que estava ali apenas deixando os animais pastarem. Perguntou-se-lhe se sabia algo a respeito da Casa da Bolandeira. Meio acabrunhado, respondeu, de forma negativa novamente, e saiu com o animal.

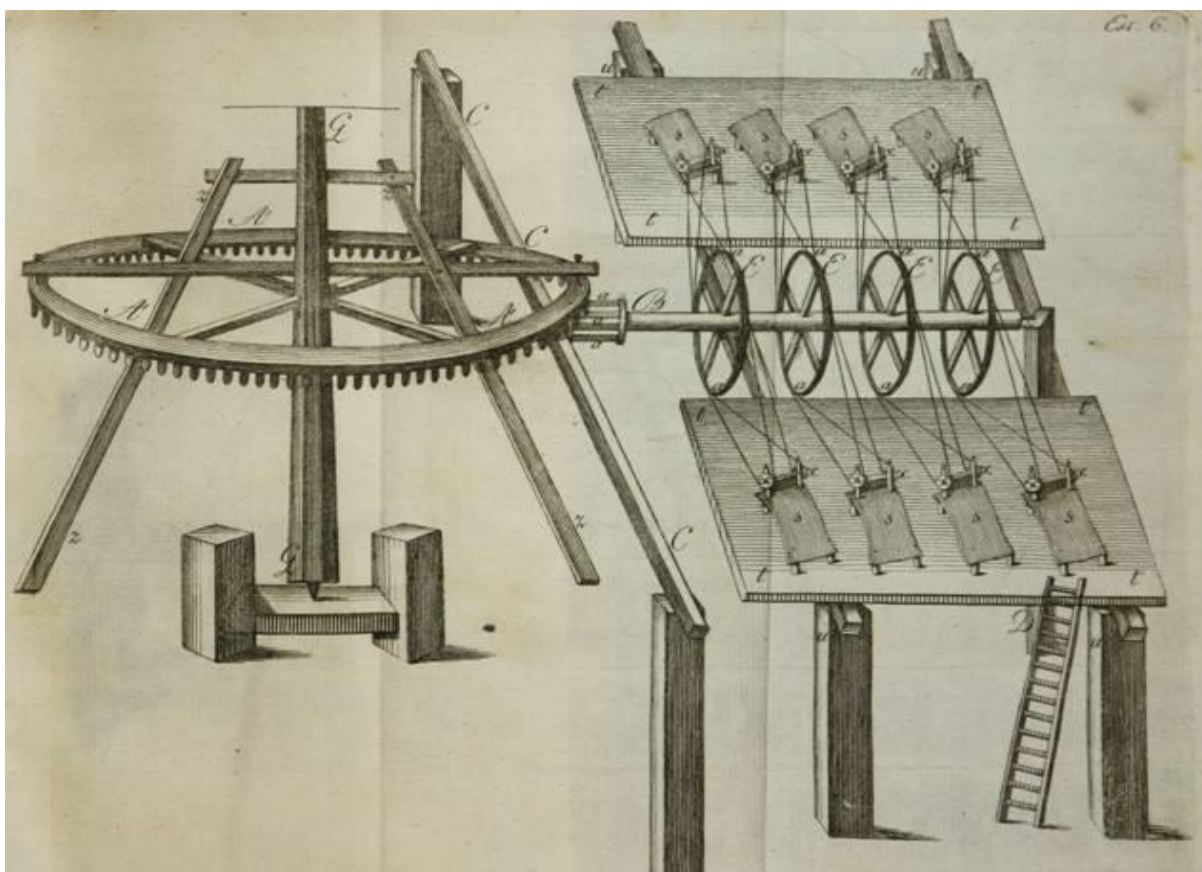
Como apenas uma visita até o momento foi realizada ao local, e assim, não ter tido tempo hábil para a realização de uma prospecção mais ampliada, em conjunto com uma sondagem arqueológica, tornam-se limitadas quaisquer inferências arqueológicas a respeito do local.

4.3 O que é uma Bolandeira?

Bolandeira: nos engenhos de açúcar, grande roda dentada que trabalha horizontalmente; máquina para descaroçar algodão. (BARSA PLANETA, 2010).

Na tentativa de contextualização local, três trabalhos similares ao da Casa da Bolandeira foram de extrema importância: **A memória e o tempo de cativo no maranhão**, de Matthias Röhrig Assunção, publicado em 2010; **Revisitando casas-grandes e senzalas: a arquitetura das plantations escravistas americanas no século XIX**, de Rafael de Bivar Marquese, publicado em 2006 e **Memória sobre a Cultura dos Algodoeiros e sobre o Methodo de o Escolher e Ensacar, etc.**, escrito por Manuel Arruda Camara no ano de 1799 em Pernambuco (Fig. 3).

Figura 3 – Bolandeira



Fonte: Camara (1799)

O primeiro artigo ajudou muito na compreensão de como a oralidade pode ser transmitida e representada nas mais variadas formas de expressão, multifacetando-se a cada nova tentativa de representação que, continua a perpetuar (em maior ou menor escala)

e a transmitir informações preciosas (tanto para o pesquisador, quanto para o grupo em si) sobre o trabalho quotidiano, a violência sofrida pelos escravizados e as várias maneiras de resistência diante de um sistema escravizador.

No segundo artigo, Marquese (2006) faz a:

análise da planta arquitetônica de grandes unidades rurais escravistas do Vale do Paraíba cafeeiro (Brasil), do cinturão algodoeiro de Matanzas–Cienfuegos–Trinidad (Cuba) e do cinturão algodoeiro do Alabama e do baixo vale do Mississippi nos Estados Unidos, todas construídas na primeira metade do século XIX.

No tópico da cultura algodoeira, tem-se um pequeno histórico da produção do algodão nas Américas, mais especificamente nas regiões da Carolina do Sul e Geórgia, na América do Norte, e Antilhas Francesas (conjunto de ilhas nos mares da América Central). Com relação ao Brasil, o autor cita apenas que Pernambuco e Maranhão foram, na década de 1780, as "(...) maiores regiões produtoras de algodão do Novo Mundo." (MARQUESSE, 2006).

Uma interessante informação é com relação a uma bolandeira como "(...) revolucionária invenção do descarçador de Eli Whitney. O invento fez parte de um conjunto de esforços sistemáticos para ultrapassar os obstáculos que impediam a conversão do algodão herbáceo de fibra curta em gênero agrícola mercantil." (MARQUESE, 2006). O mesmo autor diz que, a partir 1793, ela favoreceu a produção e os lucros da elite capitalista/escravista. Depois do invento deste descarçador, a única inovação considerável no processo de beneficiamento foi a "(...) aplicação de prensas mecânicas para o acondicionamento da fibra nos fardos destinados à exportação" (MARQUESE, 2006). Esse trabalho era realizado com o peso dos próprios escravos (Fig. 4). Pode-se observar que próximo a cada figura que representa uma etapa do processo de produção, há um número (do 1 ao 8), que vai desde à plantação até o porto, destino final do produto na América.

Após o invento de Eli Whitney, uma nova configuração arquitetônica do local utilizado para o processo de beneficiamento do algodão se torna necessária para a realização do trabalho, visto que agora o maquinário e o ritmo de trabalho (bem mais acelerado) são outros (Fig.5). Tem se uma dimensão da "revolução" que realmente foi o invento, não só para a cotonicultura (cultura do algodão), mas também para a arquitetura rural.

Os edifícios reservados para tanto eram três: 1) o cotton gin, onde ocorria o descarçamento, em geral um edifício de madeira com dois pavimentos, sendo o superior destinado à alimentação do maquinário com a matéria-prima e o inferior reservado à tração (animal ou à vapor) e à saída da fibra já descarçada; 2) a prensa, movida por tração animal, com um eixo de madeira capaz de comprimir as fibras em fardos de 180 a 270 quilos; 3) o armazém destinado aos fardos (AIKEN, 1973; VLACH, 1993)". apud MARQUESE (2006).

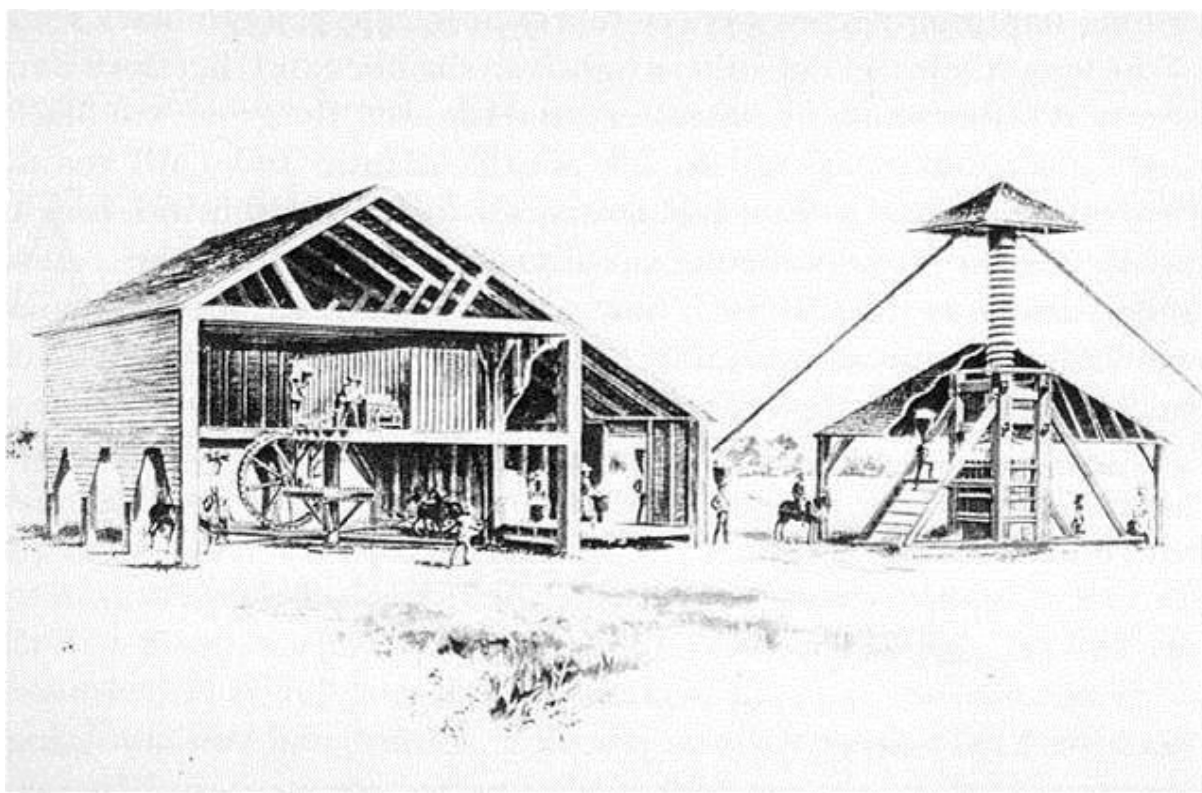
Figura 4 – Arquitetura das plantações escravistas americana no século XIX



30

Fonte: Marquese (2006)

Figura 5 – Representação ideal da produção algodoeira nas Antilhas francesas na década de 1760



Fonte: Marquese (2006)

O terceiro trabalho é a fascinante obra de Manuel Arruda Camara (formado em Filosofia Natural pela Universidade de Coimbra em Portugal, Doutor em Medicina pela Universidade de *Montpellier*, na França), um verdadeiro tratado sobre a cultura do algodão, um dos mais completos para a época (e atualidade). Publicado em 1799 (provavelmente foi escrito antes desse ano), o livro se divide em dez capítulos onde o autor fala sobre os mais diversos temas ligados ao assunto, como: a antiguidade do uso do algodão; a vantagem financeira que tem resultado a Portugal, e a "Paranábuca"; a descrição do algodoeiro em si; a terra mais própria ou mais conveniente para a cultura dos algodoeiros; clima mais conveniente; as variedades disponíveis de algodão, e as mais adequadas, a melhor maneira de plantar; as operações que se devem fazer nas plantas para produzirem com qualidade e quantidade; moléstias e pragas a que estão sujeitos; a monda (arrancar as ervas daninhas, cortar galhos supérfluos, podar, capinar); a colheita do algodão; e finalmente do descaroçamento, e ensacamento do produto do labor escravo.

O autor começa o décimo capítulo trazendo um histórico do processo de beneficiamento (descaroçamento e ensacamento) do algodão nas Américas, e em seguida descreve como ainda é atrasado e arcaico tal processo no Maranhão, e em Caiena na Guiana francesa, onde as máquinas utilizadas seriam capazes de descaroçar duas arrobas de algodão cru (com caroço), o que geraria apenas meia arroba de lã por dia, para cada uma das máquinas. Estas utilizavam apenas um escravo.

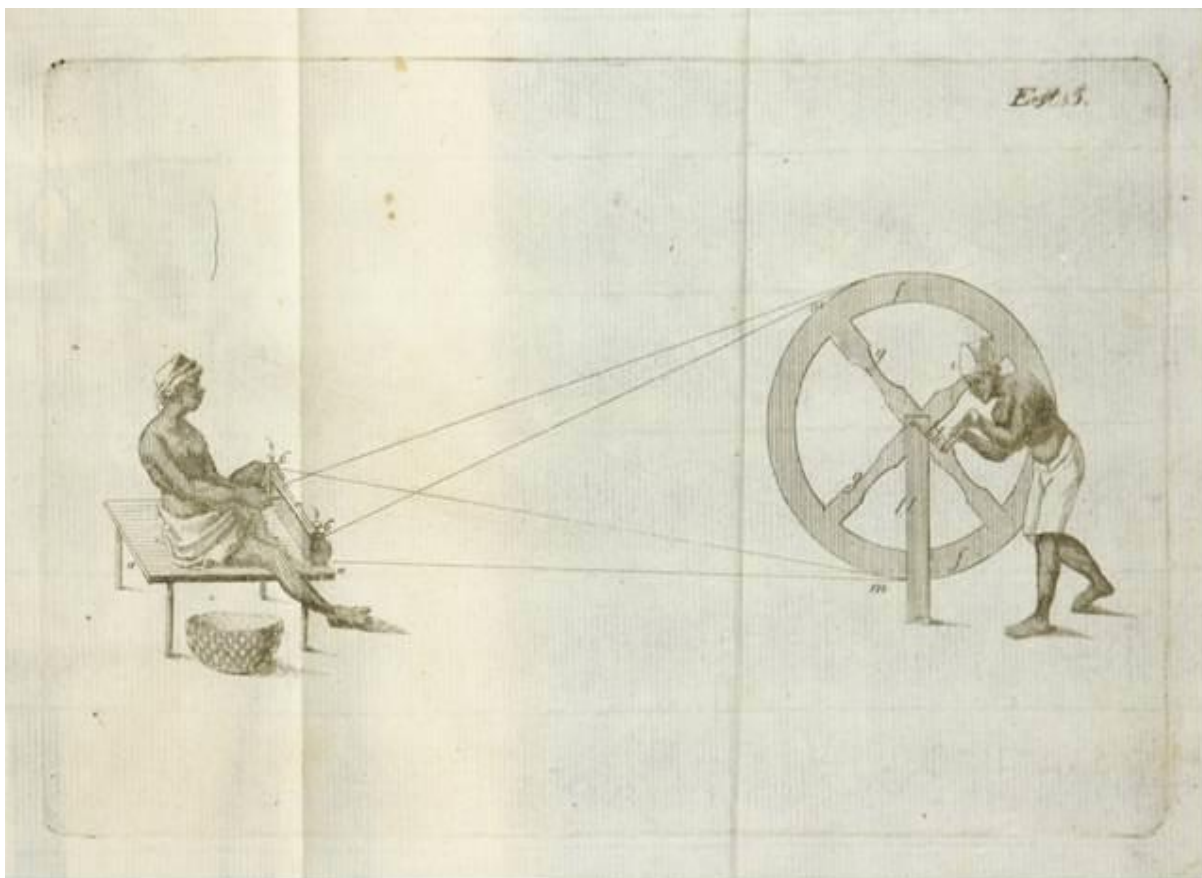
Posteriormente o autor passa a descrever o maquinário que se utilizava em Pernambuco. Diz haver seis tipos de máquinas diferentes de descaroçamento, mas cita apenas os dois modelos mais produtivos: a Roda de mão e a Bolandeira. Depois, fecha o capítulo com a descrição da máquina de prensar e ensacar (segundo o autor de sua autoria).

As rodas de mão exigiam a utilização de dois escravos, um para movimentar a máquina e outro para efetuar o descaroçamento no "descaroçador" (geralmente mulheres, que na região do autor eram vulgarmente chamadas de metedeiras ou cevadeiras) (Fig. 6). Comparando com o maquinário individual, mais simples, a produção mais que dobra: seis arrobas de algodão cru, que gerariam uma arroba e meia de lã. De acordo com o autor, em sua fazenda esta era a "tarefa" (cota mínima diária do trabalho de um escravo. Os que não conseguiam cumprir a cota ficavam sujeitos a castigos corporais, que na visão do autor eram um "estímulo" ao trabalho) em sua fazenda.

Com a bolandeira, ou o invento de *Whitney* "(também chamada de engenho de bestas), a capacidade produtiva do processo de descaroçamento do algodão pôde ser multiplicada. Em cada banquinho ou descaroçador assenta-se uma pessoa (*a cevadeira*).

Com o movimento (à tração animal) de apenas um eixo principal (vertical e fixo à roda dentada, ou bolandeira) podia-se movimentar oito (ou mais) descaroadores, elevando a produtividade para 128 arrobas, o equivalente a 1.920 kg (praticamente duas toneladas) de algodão cru, o que gerava 31 arrobas, ou 461 kg (quase meia tonelada) de lã beneficiada ao dia.

Figura 6 - Roda de mão



Fonte: Camara (1799)

É claro que o "bondoso", autor ao fazer esta conta não se esqueceu de dizer que podem surgir alguns imprevistos que podem fazer com que esta soma não seja alcançada. A título de exemplo, um animal impaciente ou em treinamento; a quebra ou manutenção de alguma peça da Bolandeira. Porém a mão de obra do escravo não podia dar-se ao "luxo" de "falhar".

Manuel Arruda descreve e explica a funcionalidade de cada peça da bolandeira, passo a passo, em conjunto com figuras ilustrativas. Era um excelente manual para a época do tipo: "faça você mesmo". Demonstrava profundo conhecimento empírico e teórico a respeito do maquinário, principalmente ao relatar suas experiências, testes e inovações que realizou em sua fazenda. Quando descreve como pode ser 'acoplado', à roda principal (a bolandeira) mais duas extensões (sarrilhos, além da já existente, de modo que estes eixos

horizontais possam se movimentar os três simultaneamente, ou individualmente (bastando apenas que se aumente o número de animais no caso do movimento simultâneo)". Proporcionava assim que, num mesmo local pudesse se beneficiar não apenas o algodão, mas também outros produtos como a cana de açúcar para rapadura, melado, aguardente e a mandioca para farinha, goma, etc. Por fim, descreve a máquina de sua autoria. Afirma que, simultaneamente, essa máquina possibilita prensar e ensacar a lã, de modo muito mais produtivo que o modelo anterior.

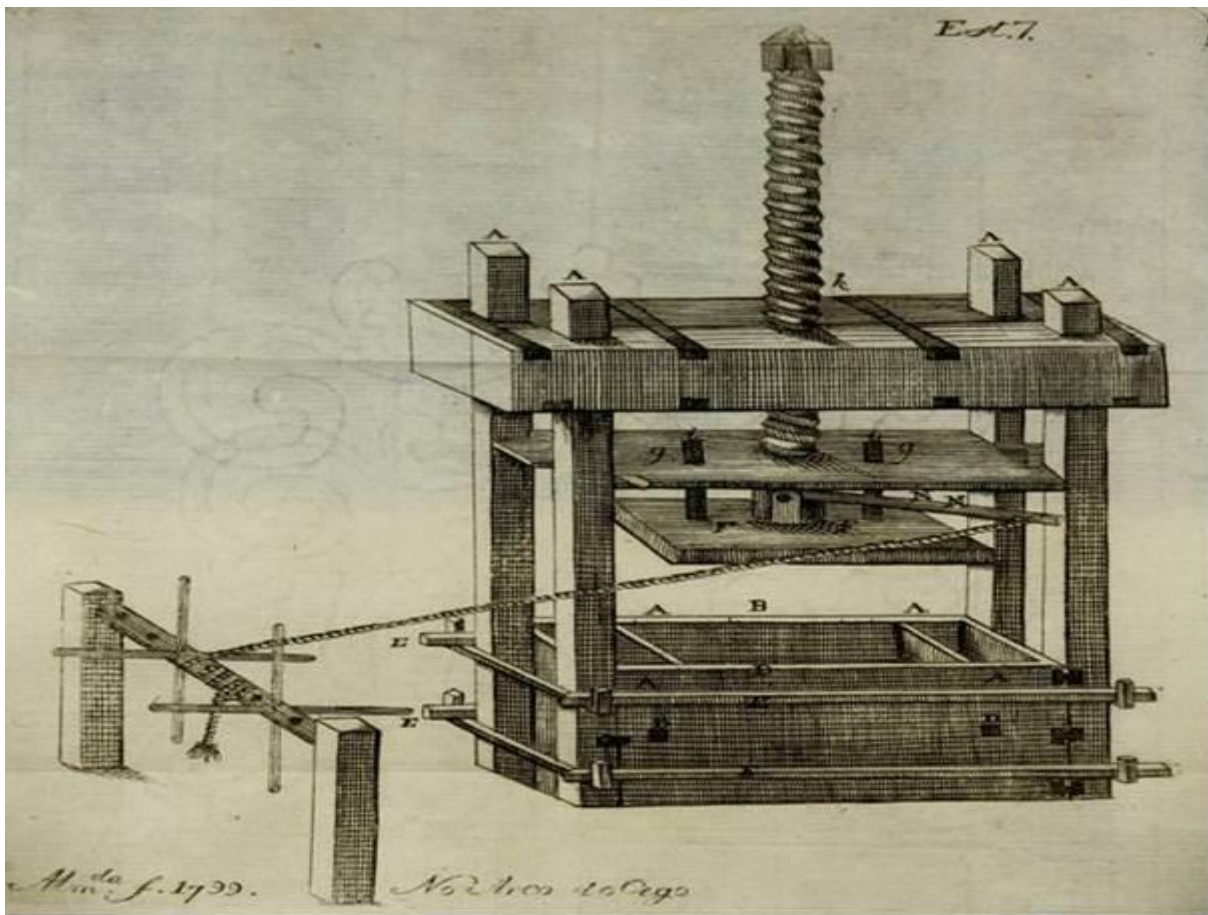
Ha outro modo de ensaccar , a que chamão ensaccar no ar, que he da maneira seguinte; forma-se hum sacco ordinário , alinhava-se , em a bocca, hum arco de huma Verga de hum pão flexível,de sorte que fique bem seguro com a orella do pano, suspende-se por quatro cordas fortes ao ar, attando-se as cordas nos caibros da casa; o ensaccador mette-se dentro do sacco, e com huma longa palheta na mão, vai socando por todas das as partes, até acabar de ensaccar de todo; commumente em hum dia se ensacca huma sacca, principia-se outra; este methodo não tem outra vantajem sobre o antecedente, se não de servir-se o ensaccador, alem das suas forças, do próprio pezo do seu corpo; porém he igualmente fatigante, e nem está fora do perigo de fazer enfermo o ensaccador pela continuação, por causado calor do mesmo algodão, que recebe dentro do sacco, em que anda quasi sempre atollado até o meio cia perna: muitas pessoas costumão molhar as saccas á poi poção que se ensacca; não vejo em que beneficie semelhante methodo." (CAMARA; 1799)

Com este método, segundo o autor, um ensacador conseguiria ensacar no máximo uma saca e meia por dia. Uma saca era o equivalente a quatro arrobas meia, que já era uma medida justificada como a capacidade de carga de um animal, ou "(...) um costado de carga de cavalo" (CAMARA, 1799). Além da fadiga, desconforto e exaustão causados por este ofício (o que gerava grandes dificuldades em encontrar quem o fizesse, a ponto dos escravos capazes de tal ofício, serem de certo modo "remunerados"), havia o inconveniente dos sacos rasgarem constantemente, o que gerava a demanda de um 'costurador' em caráter permanente durante o processo (Fig. 7).

Quaes são as utilidades' desta maquina? Alem de infinitas utilidades, eu descubro as que se seguem; primeiramente ella pode ensaccar 20 saccas de algodão em hum dia, ao mesmo tempo, que pelo modo ordinário não se ensacca mais, do que numa sacca: e quando algum ensaccador chega a ensaccar mais que huma, conta-se por grande façanha; pelo que se diminue maravilhosamente a mão dobra na razão de 1 para 20 que não he pequeno proveito, pois pelo trabalho de ensaccar huma sacca de algodão se paga 240 reis, vindo o senhor de huma semelhante maquina a poupar em hum dia 240 reis, multiplicados por 20 igual a 4800, eu nunca estorvo os dias de trabalho de meus escravos com esta operação: quando tenho sufficiente quantidade de algodão escaroçado, chamo dous dos mais destros na manobra, e dentro de pouco mais de duas horas me ensaccão quatro saccos, isto faço, ou de manhã antes de os mandar para o serviço, ou de tarde ao recolher: pelo que o ensaccamento de algodão, sendo para os mais fazendeiros hum dos maiores incommodos, eu o não tenho por trabalho. Outra utilidade não pequena he, que qualquer pano serve para saccos, ainda que seja fraco; porque comprimindo o algodão igualmente por todas as partes, resiste melhor ao resto da elasticidade , que lhe deixou a compressão do parafuzo; não accontece assim no antigo modo de

ensaccar; porque, por mais forte que seja o pano, para cujo effeito o encommendaõ de propósito, sempre rompe, ja pelo attrito da palheta em qualquer descuido, ja porque ficando o algodão dentro da sacca ao modo debuxas, deixando intervallos vazios, portão-se com desigualdade, e rompe-se o sacco por todo o seu comprimento, já quasi no fim da operação. A terceira utilidade he, que pelo meu methodo recebem os saccos a forma quadrangular, ficando de altura com menos de hum palmo, o que he muito commodo, tanto para serem transportados em cavalos, como para o arranjamto nas embarcações..." (CAMARA, 1799)

Figura 7 - Máquina para ensacar algodão



Fonte: Camara (1799)

A imagem apresentada na página inicial deste trabalho não se assemelha aos maquinários aqui apresentados. Porém, um maquinário restou da "Casa da Bolandeira". Ele está no jardim de uma nobre residência em São Raimundo Nonato (Fig. 8 e 9). Pesquisando sobre quem foi, ou seria, o possível dono da Casa da Bolandeira (ou do local), cheguei ao nome do Valdir Ribeiro Dias, médico renomado em São Raimundo Nonato e no Piauí (que também, infelizmente, veio a falecer neste ano, no dia 29/07/2012 em Teresina aos 79 anos), sem que se chegasse a entrevistar. Porém, teve-se a oportunidade de conversar por telefone com sua esposa (11/11/2012) que reside em Teresina, a advogada e ex-juíza Ada Dias de Castro, que apesar de se encontrar ainda um pouco triste pelo acontecido, foi de extrema simpatia, paciência e boa vontade para esta pesquisa.

Figura 8 – Resto da bolandeira no jardim da casa de Valdir Ribeiro



35

Foto: Leonardo Tomé de Souza (2012)

Figura 9 – Máquina a vapor exposta no Museu do Sertão, em Mossoró RN



Fonte: desimbloglio.blogspot.com (2015)

Quando perguntado sobre o histórico, tipo de trabalho que se realizava no local, ou para que serviria tal maquinário, que agora jaz em seu jardim, a senhora Ada foi direta e objetiva: não sabia nada a respeito. Sabia somente que seu marido havia comprado por meio de leilão, em meados da década de 1960 a Casa da Bolandeira, e que a teria revendido ao "seu Quincas" em Caracol. Por fim, passou uma relação de nomes de pessoas em Caracol que poderiam ajudar na pesquisa (ainda a serem entrevistadas).

Porém ela forneceu (talvez sem querer, ou com outra intenção) outras informações de extrema importância, visto que estas viriam fielmente a corroborar o que no início da pesquisa Ronisvon Rocha tinha contado: Tiroteios, marcas de balas e sangue nas paredes (já em quase ruínas por volta de 1960). Porém ela forneceu um novo dado, o nome do que parece ter sido o dono mais antigo do local: Coronel Ângelo Gomes Lima (vulgo: Anjo da Jia), o injuriado antagonista da família Dias nas "épicas" batalhas acontecidas em Caracol na primeira metade do séc. XX, tão bem relatadas por William Palha Dias em seus livros. A partir desta informação começou-se a entender o porquê do "esquecimento" coletivo, por parte de grande parte dos moradores da região.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As diversas histórias que fizeram parte deste local conhecido como Casa da Bolandeira, ainda estão por serem escritas. Na década de 1960, coincidentemente ao declínio total da Casa da Bolandeira, surgiam em São Raimundo Nonato as Indústrias Coelho. Essas indústrias beneficiava o algodão, além de extrair o óleo das sementes de Mamona e algodão. O semiárido piauiense, onde se insere esta região já correspondeu a 54% da produção de algodão do Piauí, que à época era o segundo maior produtor de algodão do país. Atualmente esta produção foi deslocada para as áreas de cerrado do Piauí. A permanência da nomenclatura "Casa da Bolandeira" (como se viu, a Bolandeira é bem diferente ao motor que se encontrava no local na década de 1960), demonstra de modo relativo a antiguidade e importância deste local como ponto centralizador de parte dos modos de produção local, onde relações de poder, identidade e classe simultaneamente interagiram, possivelmente desde o período colonial. Apesar das inovações tecnológicas e produtivas, que podem ter ressignificado (ou mantido) as funções ideológicas e materiais iniciais da Casa da Bolandeira, os relatos sobre negociatas escusas, enterramentos, batalhas, emboscadas e assombrações, resistem e insistem em permanecer diante das ruínas materiais deste local (Fig. 10 a 13).

Figura 10 - Tijolos espalhados na área da Bolandeira de Caracol



Foto: Rodrigo Bernardo da Silva (2014)

Figura 11 - Lâmina de faca



Foto: Rodrigo Bernardo da Silva (2015)

Figura 12 - Peça da máquina à vapor



Foto: Rodrigo Bernardo da Silva

Figura 13 - Diferenciação na estrutura (cômodo, ou a base de sustentação do maquinário)



Foto: Rodrigo Bernardo da Silva (2014)

REFERÊNCIAS

CAMARA, Manuel Arruda; "**Memória Sobre a Cultura dos Algodoeiros, e Sobre o Methodo de o Escolher, e Ensacar, etc.**"; 1799. Disponível em <www.brasiliana.usp.br/bbd/handle>; Consulta: 20/06/2012.

MARQUESE, Rafael de Bivar; "**Revisitando casas-grandes e senzalas: a arquitetura das plantations escravistas americanas no século XIX**"; Anais do Museu Paulista. São Paulo. v.14. n.1.p. 11-57. jan.- jun. 2006;

ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig; "**A memória do tempo de cativo no Maranhão**"; Tempo vol.15 no.29 Niterói July/Dec. 2010; Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-77042010000200004>>; Consulta: 04/10/2012.

DIAS, William Palha. "**Caracol na história do Piauí**"; 4ª Ed. Teresina, 2003.

FUNARI, Pedro Paulo; "**Desaparecimento e Emergência dos Grupos Subordinados na Arqueologia Brasileira**"; Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 8, n. 18, p. 131-153, dezembro de 2002; disponível em <www.scielo.br/pdf/ha/v8n18/19059.pdf>; Consulta: 12/04/2011.

_____ "**Teoria e a arqueologia histórica: a américa latina e o mundo**"; Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, vol. 1, Jul - Dez | 2007; Revista-VESTIGIOS-miolo.pmd 12/06/2007. Disponível em <www.ceipac.gh.ub.es/biblio/Data/A/0598.pdf>; Consulta: 08/10/2012.

_____ "**Teoria e métodos na Arqueologia contemporânea: o contexto da Arqueologia Histórica**"; Dossiê Arqueologias Brasileiras, v.6, n. 13, dez.2004/jan.2005 Disponível em <<http://www.seol.com.br/mneme>> Consulta: 21/10/2012

FUNARI; Pedro Paulo, ZARANKIN; Andrés; "**Arqueologia histórica en América del Sur; Los desafíos del sec. XXI**"; 1. ed. - Bogotá, D.C., Colombia : Ediciones Uniandes, 2004. Pág. 133.

OLIVEIRA, Ana Stela de Negreiros. "**O povoamento colonial do sudeste do Piauí: indígenas e colonizadores, conflitos e resistência.**" Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2007.

ZARANKIN; Andrés; "**El sur por el Sur; Una revision sobre la historia y el desarrollo de la Arqueologia Histórica en América Meridional**"; Revista VESTÍGIOS- revista Latino Americana de Arqueologia Histórica; vol. 1, nú. 1, Jan.-Jun. 2007.

IMAGENS MÁQUINAS À VAPOR; "**Museu do Sertão em Mossoró**"; Disponível em <www.desimbloglio.blogspot.com/.../museu-do-sertao-conta-historia-do-ho>; Consulta: 10/10/201

DEBATE SOBRE O FILME CINEMA PARADISO

Taiguara Francisco Alexo da Rocha Silva



EXIBIÇÃO 20.08.2013
PRÓ-ARTE FUMDHAM
SÃO RAIMUNDO NONATO - PI
INÍCIO: 17H

Ministério da Educação
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

UNASF
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL
PET
ARQUITETURA

40

Figura 1 – Projeção do filme



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 2 – Projeção do filme



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 1 – Debate sobre o filme



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 2 – Debate sobre o filme



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 3 – Debate sobre o filme



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 4 – Debate sobre o filme



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 5 – Debate sobre o filme



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 6 – Debate sobre o filme



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 7 – Debate sobre o filme



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 8 – Debate sobre o filme



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 9 – Debate sobre o filme



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 10 – Debate sobre o filme



Foto: Celito Kesting (2013)

O USO DA COMPUTAÇÃO GRÁFICA COMO FERRAMENTA PARA RECONSTRUÇÃO DE EDIFICAÇÕES HISTÓRICAS: UMA APLICAÇÃO NO MUNICÍPIO DE SÃO RAIMUNDO NONATO

Flávio de Araújo Carvalho

Figura 1 – Apresentação do trabalho



47

Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 2 – Apresentação do trabalho



Foto: Celito Kesting (2013)

RIO E VEGETAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO DO RIO PIAUÍ NA ÁREA URBANA DE SÃO RAIMUNDO NONATO – PI

*Alessandra Rocha da Silva
Nina Rosa Pereira Ledoux
Lunny Sousa Macedo
Selena Samara Gomes da Silva
Suele Magalhães Cerqueira
Ingrid Lopes de Oliveira
Isla Katyuccy dos Santos Nascimento
Natalicio Reges de Oliveira*

Estudantes do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)

RESUMO

Diante das inúmeras transformações ocorridas no meio rural, baseadas nas melhorias das atividades do semiárido, a introdução da algaroba (*Prosopis juliflora*) levou a uma série de mudanças no meio social, político e econômico da região Nordeste desde a década de 1940. É neste âmbito que o presente trabalho de pesquisa tem o objetivo de realizar um levantamento histórico sobre a importância do Rio Piauí e desta espécie vegetal no recorte do Rio pertencente à região de São Raimundo Nonato – PI. O conteúdo foi analisado através de pesquisas em acervos locais, relatos orais, além de consultas bibliográficas e idas a campo.

Palavras-chave: Rio Piauí. Ambiente. Vegetação. História Oral São Raimundo Nonato – PI.

1 INTRODUÇÃO

O Rio Piauí nasce na zona rural do município de Caracol e é um subafluente da bacia do Parnaíba. Atravessa o município de São Raimundo Nonato – PI, nas zonas rural e urbana, no sentido oeste-leste. Passa por vários municípios do estado do Piauí e deságua no Canindé, a 7 km de Francisco Aires (SANTOS, 2010). Pelo recorte do rio que passa pela cidade de São Raimundo Nonato, tem-se uma amostra da sua má utilização tanto por parte dos órgãos públicos quanto da população. Além disso, observa-se uma elevada quantidade de descartes e de árvores de algaroba (*Prosopis juliflora*), que contribuem para o assoreamento do rio. Diante dessa problemática, aborda-se o contexto histórico tanto do rio em questão quanto com seus benefícios e malefícios para a população que habita no seu entorno. Ao observar a área onde existem habitações próximas ao rio, no perímetro urbano da cidade, notou-se que poucas são as pessoas que fazem algo para preservar o rio Piauí.

Foi a partir disso que se iniciou uma pesquisa sobre o lugar e as pessoas para entender os motivos da quantidade excessiva de algaroba naquele ambiente, resgatar memórias sobre o rio e a vegetação da área, planejar meios de preservação ambiental e estabelecer uma relação dialógica entre a população, a academia e o poder público. Usam-se nesta pesquisa os conceitos de macro, meso e micro ambiente. O macro ambiente é representado por todo o Rio Piauí. O meso ambiente liga-se à sociedade e o micro leva em consideração a vegetação no leito e no entorno do rio. Esta pesquisa se fez por meio do levantamento de dados: pesquisas bibliográficas, registro oral (imaginário coletivo), prospecções de superfície, levantamento topográfico, registro fotográfico e educação patrimonial. Nesse levantamento, constatou-se o quanto as pessoas não se incomodam ou, quando incomodadas, não agem a seu favor. Além disso, percebeu-se a falta de sentimento de pertencimento com o ambiente. Apesar de as memórias existirem, não dá o devido valor ao rio e à vegetação que nele se espalhou.

A sociedade da cidade de São Raimundo Nonato deixa de lado o rio pela sua falta de utilização pelo seu estado de poluição. O poder público, por sua vez, faz daquela localidade uma área de esquecimento. A junção desses dois pontos e a falta de saneamento básico na cidade faz do rio um ponto de descarte aleatório e constante de lixo. Os registros orais mostram o quanto a área está abandonada por parte dos moradores, pela prefeitura e por outros órgãos. É a partir desse ponto de esquecimento que esta pesquisa pretende fomentar a preservação ambiental entre as pessoas que vivem no entorno desse ambiente.

2 CONTEXTO HISTÓRICO

O estado do Piauí foi colonizado através das sesmarias que priorizavam a criação do gado. São Raimundo Nonato passou de vila a cidade por volta de cem anos atrás. Até a década de 1990 a cidade era composta por povoados mais afastados, porém, houve um desmembramento dessas localidades mais afastadas, o que deu origem às cidades circunvizinhas, tornando assim, um polo comercial da microrregião.

O Rio Piauí é um afluente do rio Canindé e subafluente do Rio Parnaíba. Ele é um topônimo de origem indígena que batiza o estado. Nasce a 600 m de altitude na aba da Serra das Confusões, zona rural do município de Caracol. Tem 400 km de curso e uma declividade média de 1,2 m/km (SANTOS, 2010). O recorte do rio no município de São Raimundo Nonato sempre se apresentou COM água salobra.

O rio Piauí, que corre do sul para o norte entra no Canindé, foi o primeiro a ser povoado no ano de 1682, quando foi descoberto, e dele a região tomou o nome. Nele achavam – se 20 fazendas. No riacho Moicatá, 3; no Itagoera, 4; no Guaribas, 3. Nas cabeceiras deste riacho HÁ umas lagoas muito grandes com 2 fazendas. Entre estas fazendas ficam 7 a 8 lagoas grandes das quais se tira sal semelhante ao do reino. Suas águas são mais salgadas que as do mar. As fazendas, porém, estão nas margens de lagoas de água doce. (OLIVEIRA apud CHAVES, 1994).

Por ser um rio temporário, que só enche nas épocas de chuva, e contem água imprópria para o consumo, seus benefícios se concentravam para os que tinham criações de animais e para a utilização da água em afazeres domésticos. Porém em decorrência do crescimento urbano, ocorreu o aterramento da maior parte deste vale, para dar lugar a passagens de pessoas e veículos além de espaço para criação de animais e construções irregulares. Além disso, a população que se estabeleceu praticamente às margens do rio descarta seus resíduos (líquidos e sólidos) no seu leito que está sofrendo pela invasão da algaroba.

A algaroba ou algarobeira, como é conhecida no Brasil, é uma espécie nativa do deserto do Piura no Peru e tem como nome científico *Prosopis juliflora* (Sw.). Esta espécie vegetal apresenta grande diversidade. Ela possui nomes variados como, por exemplo, mesquite, no México; cuji, na Venezuela; mesquite, algaroba e nacascol, na Guatemala; carbón, em El Salvador; acácia de Catarina, na Nicarágua e aroma, no Panamá. Esta árvore é da família das leguminosas (Leguminosae, subfamília Mimosoideae). Pertence ao gênero *Prosopis*. Cresce rapidamente até a altura de 6 m a 15 m. Tem característica espinhosa ou, raras vezes, inermes (sem espinhos), (PIRES e FERREIA, 1983). Além disso, faz parte de um grupo de vegetais que possuem uma estrutura especial e adaptações funcionais contra a falta de água, razão pela qual se adapta a lugares secos, como a caatinga e os desertos.

Esta planta se reproduz por semente e por estaquia. As sementes devem receber tratamento quebra de dormência antes de serem colocadas para germinar. A maior contribuição para o processo de germinação e, conseqüentemente, de invasão é a facilidade de dispersão das sementes. Como os bovinos, muares e caprinos não são capazes de digerir totalmente as suas vagens, ocorre a disseminação das sementes nos estercos. Sementes presentes em esterco de bovino atingem os maiores índices de germinação e as maiores sobrevivência e esperança de vida, o que possivelmente seja causado pela menor dessecação das sementes, proporcionada pelo ambiente úmido do esterco.

A espécie *Prosopis juliflora* ocorre naturalmente no México, América Central, e norte da América do Sul (Peru, Equador, Colômbia e Venezuela). Foi introduzida no Brasil, Sudão, Sahel, África do Sul e Índia. A sua região de ocorrência natural é o extremo sul da Bolívia, Paraguai, leste da Argentina, oeste do Uruguai e sudoeste do extremo sul do Brasil. Sua ocorrência, na Costa Norte do Peru, também é relatada pela NATIONAL ACADEMY OF SCIENCES (1979) e FERREYRA (1987).

No Brasil, a dispersão do gênero *Prosopis* concentra-se no sudoeste do Rio Grande do Sul, no extremo sul do Mato Grosso do Sul e em uma pequena área entre os estados do Pernambuco e Piauí. Esta dispersão se deu na década de 1940. Hoje é encontrada em todos os estados do nordeste brasileiro, iniciando em Serra Talhada – PE. Existem, também, registros de duas outras introduções que foram realizadas em Angicos - RN, em 1946, por meio de sementes oriundas do Peru e, em 1948, com sementes do Sudão. A partir daí, sua expansão para os demais estados ocorreu através da regeneração natural e plantios. Embora a *Prosopis juliflora* seja a única espécie cultivada no Nordeste do Brasil, alguns autores relataram a ocorrência espontânea dela na região de Cachoeira do Roberto, no extremo oeste do Estado de Pernambuco, divisa com o Piauí. Silva (1986) confirmou a ocorrência desta espécie na região, informando da existência de exsicatas no laboratório de botânica do IPA, em Recife - PE, desde 1912. Isso leva a supor que o lote de sementes de *Prosopis juliflora* introduzida em 1942, continha mistura de sementes de *Prosopis affinis*, ou sementes de material híbrido das duas espécies. Estima-se que, no período de 1940 a 1960, foram distribuídos aproximadamente 8 a 10 milhões de mudas nas áreas que fazem parte do semiárido nordestino, especificamente, nos estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. Mas, apenas após 1961 é que a produção de algaroba teve incentivo governamental.

José Guimarães Duque, técnico do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) e uma das maiores autoridades em Nordeste brasileiro, já defendia o uso econômico das espécies regionais e alertava para o perigo das plantas exóticas. Não adiantou. Nas décadas que se seguiram, o Ministério da Agricultura começou a distribuir mudas de algaroba para o Piauí, Ceará, Paraíba e Pernambuco. Nos anos 70, o

Instituto Brasileiro do Desenvolvimento Florestal, antecessor do Ibama, passou a incentivar o desmatamento da caatinga para o plantio de algaroba. A festa só acabou quando descobriram que a vagem da planta dava “cara-de-pau” no gado – uma disfunção neurológica que deixa os animais de focinho torto (LIMA, 2005).

Desde o princípio, esta espécie foi vista como uma alternativa de desenvolvimento e modernização, tomando como pressuposto a lógica da dominação da natureza e classificada como uma espécie altamente promissora, tanto para fins madeireiros como forrageiros, dada sua resistência à seca e boa adaptação às condições adversas. Por ter estas características, a sua invasão tornou-se algo comum, principalmente nas regiões semiáridas (Fig. 1).

Figura 1 – Mapa da invasão da algaroba no Nordeste Brasileiro



Fonte: IBGE (2005)

3 MÉTODO

O desenvolvimento do trabalho se deu entre os meses de janeiro e agosto de 2013, quando se realizaram as etapas de registro oral, georreferenciamento, levantamento topográfico, registro fotográfico, prospecções de superfície, pesquisas bibliográficas, levantamento referente ao material de descarte e educação patrimonial.

Os registros orais deram-se a partir de entrevistas abertas e por conversas informais tanto com os moradores da região do recorte do rio, quanto com moradores dos bairros Centro e São Félix. O georreferenciamento e o levantamento topográfico foram realizados com o apoio da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), campus Serra da Capivara. O registro fotográfico foi auxiliado pela equipe audiovisual da disciplina de Preservação Patrimonial III.

As prospecções de superfície seguiram os preceitos de Bicho (2006), segundo quem o objetivo principal da prospecção é compreender como os grupos que ali residem utilizaram o espaço e a paisagem. Elas foram realizadas justamente para se entender o padrão de descarte presente no rio.

53

4 RESULTADOS

As informações obtidas revelaram práticas culturais se modificaram num corte temporal de cem anos. Os entrevistados comentam que o rio já foi limpo, mas a visão dele totalmente limpo na região para a memória coletiva é quase inexistente. Aquela área já foi local de diversão e de fabricação de material de olaria dos moradores, principalmente, de dois bairros de São Raimundo Nonato: o Centro (mais precisamente no final da Avenida João Meneses, ou mais conhecida como “Rua de baixo”) e o bairro do São Félix. Todavia, o bairro São Félix e a “rua de baixo” sempre foram considerados como periferias da cidade.

Dizem que era corriqueiro ver pessoas tomando banho nesse local, trabalhando na fabricação artesanal de telhas e tijolos ou usando a água nos serviços gerais da casa. Os aspectos culturais mudaram com a urbanização e o rio que antes contribuía com esses bairros passou a ser depósito de descartes diversos, tanto de sólidos quanto de líquidos (Fig. 2). Outro fator que chama atenção é a quantidade de algaroba presente na área do rio. Ela foi trazida com o intuito de ajudar na alimentação dos animais, mas devido ao uso descontrolado e os tóxico que ela planta libera, acabou se tornando agressiva demais em relação às outras plantas.

Figura 2 - Descartes na área urbana do leito do Rio Piauí em São Raimundo Nonato



Foto: Diego Monteiro (2013)

O georreferenciamento e o levantamento fotográfico foram realizados com auxílio de aparelhos de GPS e Estação Total e da professora Nívia Paula Assis, da UNIVASF. Essa etapa foi realizada com o escopo de mostrar a proximidade do rio com as moradias, as redes de esgoto que levam todo o resíduo para o leito do rio, as concentrações de lixo e as curvas de nível para a realização de croquis da área.

O registro fotográfico, as prospecções de superfície e o levantamento sobre o padrão de descarte da área foram realizados em conjunto. Eles demonstram, acima de tudo, o quanto a região está poluída e esquecida. O levantamento acerca do padrão de descarte mostra uma quantidade alta de materiais de construção e carcaças de automóveis, além de móveis e materiais plásticos. A vegetação apresenta-se alta, com muita algaroba e algumas plantas aquáticas em meio ao esgoto.

Ao término dessa etapa da pesquisa, introduziu-se a educação ambiental e patrimonial tanto para a população que circunda o rio quanto para as escolas e a cidade em geral. Promoveu-se uma limpeza da área, para sustar o processo de descarte no local. Esta limpeza foi realizada, acima de tudo, como um ato simbólico, para representar a preocupação e a vontade de cuidar do rio Piauí. Também se promoveram conversas explicativas com os moradores tanto procurando entender o comportamento referente ao

descarte quanto buscando com eles o pertencimento daquele lugar e a importância tanto para eles quanto para toda a cidade. Entrevistas nas rádios da cidade também ocorreram para atingir um público maior. O contato com a prefeitura foi feito e o secretário municipal de infraestrutura e meio ambiente, Rodrigo Negreiros, contribuiu com material para a limpeza simbólica da margem do rio, organizou a primeira conferência sobre o meio ambiente em São Raimundo Nonato e apoiou esta pesquisa. Segundo Negreiros, não só a área do rio está sendo observada, mas todo o contexto em que ele está inserido: o rio, a vegetação, as casas irregulares, os processos sociais e políticos.

Quanto à vegetação, tendo como foco a algaroba, algumas maneiras sobre seu controle foram estudadas. Diante do comportamento biológico da espécie e do manejo utilizado pelo homem para a sua proliferação, fez-se a poda das árvores, capina e coleta manual das vagens maduras, isolamento das áreas invadidas para evitar o pastejo direto e o processamento das vagens para servir aos animais no cocho. Mesmo assim, a sua erradicação é extremamente difícil. Pode-se perceber que a invasão desta espécie ocorre principalmente em áreas degradadas e com maior disponibilidade de água, como o recorte do rio Piauí, causando a redução da riqueza e da diversidade de espécies nativas destes ambientes. A invasão da algaroba é indesejada. Depois de estabelecida, pode expandir-se aos habitats circunvizinhos, ocasionando grandes perdas econômicas e as consequências podem afetar a estrutura da comunidade ou função de um ecossistema. Estudos mostram que não há invasão em ambientes com vegetação em estágio avançado de sucessão, mesmo com disponibilidade de umidade no solo, portanto, esta é uma evidência de que a algaroba não irá invadir o bioma caatinga de forma indiscriminada.

No município de São Raimundo Nonato situado a sudeste do estado do Piauí, a algaroba prolifera tanto nas baixadas, onde há o acúmulo de água das chuvas, quanto no recorte do rio Piauí, local onde hoje não existe mais a mata ciliar. São João do Piauí, município situado a 100 km de São Raimundo Nonato é considerado uma região onde a algaroba se concentra em mais de 85% da vegetação nativa (Tab. 1).

Os produtores rurais da região, aproveitam a qualidade desta planta para introduzir na alimentação de seus animais uma fonte alternativa de proteína, principalmente nas épocas de estiagem. Porém este manejo é insignificante diante da rapidez de seu desenvolvimento. O que se percebe em relação à algaroba é que muitos a colocam como problema, principalmente pelo fato de soltar uma toxina e ser territorialista. Ela é, porém, tão inofensiva quanto as outras. O que falta é o controle sobre essa e outras plantas que podem ameaçar um ecossistema, que pode ser feito a priori pela prefeitura municipal e seus técnicos e posteriormente, ser ensinada para os agricultores e pessoas que vivem da extração das suas vagens para a venda.

Tabela 1 - Parâmetros fitossociológicos obtidos da área da fazenda Olho D'Água, São João do Piauí

Parâmetros fitossociológicos obtidos da área da Fazenda Olho D'água, São João do Piauí, Piauí

ESPECIES	F _{abs.} (%)	F _{rel.} (%)	A _{abs.} ind./ha	A _{rel.} (%)	D _{abs.} m ² /ha	D _{rel.} (%)	IVI (%)	VC (%)
Algaroba	100,00	64,81	535,00	93,63	5,896	95,22	84,55	94,42
Canafistula	17,14	11,11	8,57	1,50	0,077	1,24	4,62	1,37
Marmeleiro	11,43	7,41	18,57	3,25	0,048	0,77	3,81	2,01
Carnaúba	5,71	3,70	3,57	0,63	0,137	2,22	2,18	1,42
Mandacaru de boi	8,57	5,56	2,86	0,50	0,019	0,30	2,12	0,40
Juazeiro	2,86	1,85	0,71	0,13	0,005	0,08	0,69	0,10
Araticum	2,86	1,85	0,71	0,13	0,005	0,08	0,68	0,10
Arapiraca	2,86	1,85	0,71	0,13	0,003	0,05	0,68	0,09
Farinha seca	2,86	1,85	0,71	0,13	0,002	0,04	0,67	0,08
Total	154,29	100,00	571,43	100,00	6,192	100,00	100,00	100,00

F_{abs.} = frequência absoluta; F_{rel.} = frequência relativa; A_{abs.} = Abundância absoluta; A_{rel.} = Abundância relativa; D_{abs.} = Dominância absoluta; D_{rel.} = Dominância relativa; IVI = Índice de Valor de Importância; VC = valor de cobertura.

Fonte: IBGE (2013)

No método simples das entrevistas e do contato em geral com a sociedade perceberam-se os sentimentos individuais e coletivos de pertencimento das pessoas que moram as margens do Rio e também o grau de seu pertencimento diante da problemática que envolve sua situação atual que é de degradação do patrimônio por diversos fatores.

As conversas e ações relativas ao tema sempre levantam questionamentos. Muitas pessoas ficam curiosas e param pra olhar as ações preventivas. Porém, poucas são as que se mostram realmente dispostas a cuidarem do Rio. Essa falta de consciência é percebida por todas as áreas da cidade. E existem pessoas que nem sequer sabem que um rio corta a cidade (atualmente, uma pequena parte). Quando se fala em despoluição, a prefeitura mostra que existiu um projeto para a revitalização do rio Piauí no plano-piloto da cidade que, contudo, desapareceu de uma gestão para outra. O descaso com a situação do rio fica inerente à cidade de São Raimundo Nonato, pois, a cidade de São João do Piauí é um exemplo de que a conscientização e a educação ambiental e patrimonial pode mudar toda uma história. Aquela cidade também recebe as águas do rio Piauí e estas também se encontravam poluídas. Houve um real interesse sociopolítico e econômico que levou a despoluição do rio e organização da área do mesmo. Hoje São João do Piauí apresenta um desenvolvimento considerável na produção de uvas no estado. O governo do estado do Piauí já se mostrou interessado em revitalizar o rio, como uma forma de amenizar a seca na região sudeste do estado. Todavia, estas propostas só se farão oportunas e convincentes se o lado político de todo o discurso se voltar para os interesses da população.

Através de toda a pesquisa desenvolvida no rio e seu contexto fica claro que ainda existem soluções para o caso. Já se tem um banco de dados, produzido a partir desta pesquisa, que poderá ser aumentado com pesquisas que virão a ser produzidas. O padrão de descarte que foi analisado admite chegar ao alvo do problema (já que grande parte é resultado de materiais de construção e resíduos domésticos, seja por meio de esgoto ou

não). Sendo assim, cabe manter conversas com a sociedade para a conscientização e, também, para que os poderes públicos trabalhem visando a solução de problemas de saneamento básico e a interação do meio ambiente com a sociedade. Essa ação pode ser desenvolvida em diversas temáticas (o rio, a vegetação, a ligação entre eles, as queimadas e a preservação do meio ambiente).

5 CONCLUSÃO

A pesquisa aponta que o Rio Piauí para a cidade de São Raimundo Nonato está em processo de esquecimento, por meio do tempo e com a constante expansão da urbanização e especulação imobiliária, o que acarretou no estado crítico da situação. Além disso, percebe-se o quanto a população é carente de informações sobre o rio e sua importância e o quanto aquele trecho já foi importante.

A cidade carece de um sistema de saneamento básico de qualidade. Além disso, os carros destinados a transportar o lixo para o aterro sanitário não alcançam a todas as famílias que moram às margens do rio. Outro ponto importante a se ressaltar é como a sociedade vê as regiões próximas ao rio. O lugar é considerado marginal, e o principal fator é o estado em que o local se encontra. A partir do momento em que todos os envolvidos trabalharem a favor do patrimônio ambiental e enxergá-lo desta maneira, provavelmente deixará de ser considerado periferia para ser valorizado pela sociedade sanraimundense.

A vegetação predominante na área é a algaroba. Ela foi inserida neste contexto, inicialmente, para ajudar a região na escassez de alimentos para os animais nas épocas de seca. Contudo, com o uso desorganizado e a falta de ações preventivas, ela vem se tornando ofensiva em relação às outras plantas originárias da região. Não se deve tratar a algaroba como o catalisador dos problemas. Deve-se tratá-la como uma espécie que requer cuidados especiais. No contexto do rio, precisam-se fixar plantas nativas para que a algaroba deixe de ser considerada a vilã. Ela passará a ser tratada como uma planta inofensiva tal qual como qualquer outra.

É possível e recomenda-se a revitalização do rio, porém, com iniciativas governamentais e privadas, a médio e longo prazo para que se obtenha êxito, como a que se encontra na cidade vizinha de São João do Piauí. Quando esta meta for alcançada, que não seja provisória. A prefeitura do município de São Raimundo Nonato ao fazer parcerias com os centros de ensino, sejam eles universitários ou não, contribui para a ligação da sociedade com o meio ambiente em geral. Assim, não só haverá uma ligação maior entre o meio e a sociedade, mas um aprendizado de que esse é um patrimônio da cidade.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Robério Bôto de. **Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea, Estado do Piauí: Diagnóstico do Município de São Raimundo Nonato.** Organização do texto [por] Robério Bôto de Aguiar [e] José Roberto de Carvalho Gomes . Fortaleza: CPRM - Serviço Geológico do Brasil, 2004.
- ARAUJO, J. L.P.; CORREIA, R. C.; ARAUJO, E.P.; LIMA, P. C. F. **Cadeia produtiva da algaroba no pólo de produção da bacia do submédio São Francisco.** EMBRAPA. PETROLINA – PE. 2004.
- BICHO, Nuno Ferreira. **Manual de Arqueologia Pré-histórica.** Lisboa: Edições 70, 2006.
- CHAVES, Joaquim. O índio no solo piauiense. In: **Obra completa.** Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1998.
- DIONISIO, Magro Luís Gustavo; DIONISIO, Barbosa, Renata. **Lixo Urbano: Descarte e Reciclagem de Materiais.**
- GOMES, R. E BARBOSA, A. G. **A ecologia política da algaroba: uma análise das relações de poder e mudança ambiental no Cariri Ocidental – PB.** 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, Porto Seguro, Bahia. 2008.
- LIMA, P. C. F **Manejo de áreas individuais de algaroba.** RELATÓRIO PROBIO – PETROLINA. 2005.
- LIMA, P. C. F e SILVA, M. A. **Ocorrência sub-espontânea de uma algaroba no nordeste do Brasil.** *Boletim de pesquisa florestal.* Colombo, n. 22/23, p.91-95, jan./dez. 1991.
- NASCIMENTO, M. F. **Emprego da algaroba (*Prosopis juliflora*) na produção de chapas de partículas homogêneas.** MINERVA, 4(1): 51-56
- OLIVEIRA, de Negreiros Ana Stela. **O povoamento Colonial do Sudeste do Piauí: Indígenas e Colonizadores, Conflitos e Resistência.** Universidade Federal de Pernambuco Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Programa de pós-graduação em história. Recife, 2007.
- RIBASKI, J. DRUMOND, M. A, et al. **Algaroba (*prosopis juliflora*): árvore de uso múltiplo para a região semiárida brasileira. Comunicado técnico – Colombo, PR.2009.**
- SANTOS, Luiz Claudio. **A Questão do Lixo Urbano e a Geografia.** Simpósio de Pós Graduação do Estado de São Paulo – SIMPGEO. 17 A 19 de Novembro de 2008.
- SANTOS, Glauca Barradas. **A poluição do Rio Piauí no Perímetro Urbano de São Raimundo Nonato.** Monografia apresentado a Universidade Estadual do Piauí- São Raimundo Nonato, Piauí. Janeiro de 2010.
- SILVA, M. de A. **Taxonomia e distribuição de gênero *Prosopis* L.** Recife: [s.n.], 1986, 19p. (Trabalho apresentado no Encontro Nacional sobre *Prosopis*, 2., 1986, Recife).

APÊNDICE

Slides apresentados no evento do PET

Introdução

- O Rio Piauí é um subafluente da bacia do Parnaíba
- nasce a 600 m de altitude na aba da Serra das Confusões, zona rural do município de Caracol
- Atravessa o município de São Raimundo Nonato – PI, nas zonas rural e urbana, e passa por vários municípios do estado, desaguando no Canindé a 7 km de Francisco Aires. (Santos, 2010)

59



Foto: Diego Monteiro

Introdução

- A parte do rio que corta a área urbana de São Raimundo Nonato, encontra-se atualmente assoreada e poluída
- Má utilização do rio Piauí

60

História

- Contexto Histórico do Rio Piauí
- Contexto histórico da algaroba (*Prosopis juliflora*) na região do Rio Piauí

Metodologia

Levantamento dos dados:

- Registro fotográfico
- Georeferenciamento (GPS, Estação Total)
- Imaginário Coletivo (Registro Oral)
- Prospecção de superfícies
- Pesquisas de bibliográficas
- Levantamento do material acumulado (resíduos)
- Educação Patrimonial
- Limpeza da área

61



Foto: Diego Monteiro

Resultados

- Algaroba é a planta mais presente no curso do rio
- Benéfica ou Maléfica?
- Soluções

62

Conclusão

- Falta de importância do recorte do Rio Piauí para a cidade de São Raimundo Nonato
- Carência de informações e estímulos
- O rio como patrimônio ambiental

Figura 1 – Apresentação do trabalho



63

Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 2 – Apresentação do trabalho



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 3 – Apresentação do trabalho



Foto: Celito Kesting (2013)

LANÇAMENTO E APRESENTAÇÃO DA CARTILHA ESCAVANDO HISTÓRIA: SÃO RAIMUNDO NONATO ALÉM DOS CEM ANOS

Celito Kesting⁷

RESUMO

A cartilha é o resultado da ação conjunta do tutor, dos colaboradores, do corpo administrativo do Campus Serra da Capivara, de membros externos da UNIVASF, dos bolsistas e dos voluntários do Grupo PET Arqueologia / UNIVASF. É um material bibliográfico em forma de livreto que tem o objetivo de difundir o conhecimento histórico referente à formação do município de São Raimundo Nonato, além de destacar grupos sociais esquecidos ou marginalizados na historiografia tradicional. Essa atividade foi realizada a partir de consulta a material bibliográfico de caráter científico. Para tal, fez-se uma pesquisa no acervo material existente na Fundação Museu do Homem Americano a respeito dos sítios escolhidos. Os dados foram compilados com linguagem acessível aos alunos da rede de ensino do município de São Raimundo Nonato. Ela teve como resultado a edição de exemplares da cartilha para distribuição nas escolas da rede de ensino, pública e privada, do Município de São Raimundo Nonato. Foi muito boa a participação dos petianos na confecção da cartilha. Não se pode aferir a assimilação do seu conteúdo pela comunidade escolar. Espera-se um resultado positivo porque o seu conteúdo corresponde ao que se propôs e está apresentado de forma sistemática e clara, com ilustrações adequadas e pertinentes.

Palavras chave: Cartilha. São Raimundo Nonato. História.

65

⁷ Licenciado em Filosofia, Psicologia e Sociologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL, 1974); Engenheiro Agrônomo pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco (FAMESF, 1980); Especialista em Realidade Brasileira, pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (IBRADES, 1981); Mestre em História (2001) e doutor em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, 2007); Professor Adjunto 3 na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); Tutor do Grupo PET – Arqueologia - UNIVASF. E-mail: celito.kestering@gmail.com

Figura 1 – Organização das cartilhas para distribuição às escolas de São Raimundo Nonato - PI



66

Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 2 – Distribuição das cartilhas com os colégios e escolas de São Raimundo Nonato - PI



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 3 – Distribuição das cartilhas



67

Foto: Jéssica Ravaella de Oliveira (2013)

Figura 4 – Distribuição das cartilhas



Foto: Jéssica Ravaella de Oliveira (2013)

Figura 5 – Distribuição das cartilhas



Foto: Jéssica Rafaella de Oliveira (2013)

RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DO GRUPO PET – ARQUEOLOGIA DE 2012

Celito Kesting⁸

RESUMO

Apresentam-se as atividades desenvolvidas pelos integrantes e parceiros do Grupo PET – Arqueologia / UNIVASF durante o ano 2012. Alguns professores da UESPI produziram um pequeno filme sobre a comunidade quilombola de Lagoa das Emas. Fez-se levantamento documental referente aos séculos XVIII e XIX, nos livros de registro eclesiástico das freguesias de Sento Sé - BA, Pilão Arcado - BA e São Raimundo Nonato – PI. Procedeu-se o levantamento de informações documentais e da tradição oral, com prospecções e/ou escavações arqueológicas, nas fazendas Bolandeira, São Vítor, Água Verde, Jenipapo e Ponta da Serra. Editou-se uma cartilha. Publicou-se um relatório das atividades do PET – Arqueologia e de monografias do Curso de História da UESPI e do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da UNIVASF. Fez-se a exposição do acervo arqueológico histórico e se participou na V Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão – SCIENTEX.

Palavras-chave: São Raimundo Nonato – PI. PET. Arqueologia.

69

⁸ Licenciado em Filosofia, Psicologia e Sociologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL, 1974); Engenheiro Agrônomo pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco (FAMESF, 1980); Especialista em Realidade Brasileira, pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (IBRADES, 1981); Mestre em História (2001) e doutor em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, 2007); Professor Adjunto 3 na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); Tutor do Grupo PET – Arqueologia - UNIVASF. E-mail: celito.kestering@gmail.com

1. Cine-PET

Estudantes do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, parceiros do Grupo PET. Arqueologia / UNIVASF, produziram um pequeno filme (videoclipe): **Comunidade Quilombola Lagoa das Emas: um olhar interdisciplinar para o futuro.**

Produção: Anacleta de Santana Silva, Andrezza Savala Marques de Sá, Joanilde Santos Oliveira, Janara Olindina de Castro Ribeiro, David Soares de Campos, Lucileide dos Santos Lopes, Raíere Borges dos Santos, Risuleide de França Paes Landim, Ronivon de Souza Rocha, Tairan Damasceno Silva, Thaís Almeida Lima.

Orientação: Prof. Esp. Ivete Nery Macedo

Edição: Ailton Ribeiro dos Santos.

Apoio: Gênese Naum Farias, Carlos Lyra, Caritas Diocesana e Naílde Marques dos Santos.

Fez-se o trabalho para mostrar a comunidade quilombola desde o seu surgimento até os dias atuais. Exibe-se a evolução e a manutenção de atributos da identidade quilombola de Lagoa das Emas, distribuída na antiga Fazenda São Vítor e em pequenas áreas de outras fazendas do período colonial e imperial, quais sejam: Aldeia, Conceição, Dois Irmãos, Barrinha e Fazenda Nova.

A Fazenda São Vítor foi uma grande propriedade onde se criava gado. Nela havia uma relação de subordinação imposta pelos proprietários aos vaqueiros. Estes mantiveram vivo o anseio pela liberdade. Resistiram em pequenas comunidades cujas famílias tinham ancestralidade indígena, negra e de vaqueiros brancos, empobrecidos ao longo do tempo.

Utilizou-se o vídeo é em algumas disciplinas do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da UNIVASF. Ele contribui na consecução do objetivo principal do Grupo PET – Arqueologia – UNIVASF. Fomenta a busca por novas descobertas no âmbito da pesquisa científica regional para que os estudantes de graduação tenham uma formação profissional que atenda às demandas sociais da região Sudeste do Piauí, no contexto das comemorações alusivas ao centenário da emancipação política de São Raimundo Nonato. Enfatiza a versão de autores não contemplados pela historiografia oficial. Resgata a voz e os feitos dos personagens que morreram sem contar o que sabiam sobre a epopeia dos fundadores dos povoados locais.

2 Levantamento documental referente aos séculos XVIII e XIX, nos livros de registro eclesiástico das freguesias de Sento Sé - BA, Pilão Arcado - BA e São Raimundo Nonato – PI

Esta atividade foi desenvolvida com o objetivo de buscar informações referentes à população indígena, à população escrava e à população de origem europeia, nas freguesias de Sento Sé, de Pilão Arcado e de São Raimundo Nonato. Quis-se buscar, também, identificar relações de intercâmbio social entre as três freguesias eclesiásticas. Para tanto, fez-se o levantamento documental do livro de registro eclesiástico da freguesia de Sento Sé – BA. Fotografaram-se as páginas do livro de registro de batizados referente ao período de 1752 a 1783. No primeiro livro eclesiástico da Freguesia de Sento Sé, Arcebispado da Bahia (1752-1783), há registros de que havia, na região semiárida, índios cujas nações eram ainda conhecidas. Há referências da nação Caimbé cujas tribos ocupavam as Serras do Assuruhá, território do atual Município de Gentio do Ouro – BA e o Sítio do Brejo Novo, território do atual Município de Boa Vista do Tupim – BA. Havia, também, índios da nação guega. Estes viviam na condição de escravos, na Fazenda das Carnaibas, atual povoado do Município de Campo Formoso – BA. A maioria dos índios identificados não tinha mais nação definida. Eram caboclos genéricos. Há registros desses índios no Sítio São Pedro, atual povoado do Município de Sento Sé, na antiga fazenda de Utinga, hoje município homônimo.

Há, também, registros de índios genéricos na Fazenda da Carnaúba Torta que então pertencia à Freguesia de Santo Antônio de Pilão Arcado, Bispado de Pernambuco. Há, ainda, registros de índios que viviam dispersos, alguns nas Serras do Assuruhá e outros em lugares, sítios ou fazendas não identificados.

Em São Raimundo Nonato - PI, cujo território antigo situava-se a menos de 100 km da sede da Freguesia de Sento Sé – BA, a história não deve ter sido muito diferente. O índio da região Sudeste do Piauí, para sobreviver, teve que se adaptar às exigências colonialistas. Sobreviveu como escravo, caçador, coletor, pescador, ceramista, horticultor, criador, vaqueiro ou militar. Tornou-se relativamente sedentário. As condições climáticas exigiram que mantivesse sua tradicional mobilidade sazonal para sobreviver. Hoje, participando da evolução do sistema de comunicação e de transporte, ampliou seus horizontes. Nos períodos de maior crise, migra, temporária ou definitivamente, para outras regiões do Nordeste ou do Brasil.

Elaboraram-se dois artigos científicos para publicação: 1. KESTERING, Celito; SANTOS, Janaína Carla dos; OLIVEIRA, Jaime de Santana; OLIVEIRA, Jéssica Rafaella de; CHAGAS JÚNIOR, José Nicodemos. **Tapuias de São Raimundo Nonato – PI, no contexto histórico regional da segunda metade do Século XVIII (1752 a 1783)** e 2.

KESTERING, Celito; SANTOS, Janaína Carla dos; FONTES, Mauro Alexandre Farias; LEITE NETO, Waldimir Maia Leite. **Os tapuias de Sento Sé – BA, na segunda metade do século XVIII.**

As informações obtidas a respeito dos índios da região são vestigiais e, por isso, limitadas. Espera-se que possam, mesmo assim, contribuir nas pesquisas que visem identificar, na relação filogenética (antecessor – sucessor), a ligação genética (genomas) e cultural (mitos e ritos) das populações atuais com as tribos ou as nações das quais se têm registros históricos e/ou vestígios arqueológicos. Os dados corroboram a hipótese do genocídio étnico fomentado, inicialmente, pelos tupis e, depois, pelos portugueses e por quem se locupletou e se locupleta, apropriando-se do que, por herança, pertenceria aos tapuias genéricos e sem nação definida. São fortes os indicativos de que, na região Sudeste do Piauí, sobrevivem muitas famílias cujos ancestrais participaram da mestiçagem, bem como da edificação do patrimônio cultural pré-histórico evidenciado em quatro décadas de pesquisa. Recomenda-se, por isso, o incremento de pesquisas arqueológicas de prospecção e de escavação para evidenciar o seu patrimônio cultural.

Recomenda-se, também, a participação das comunidades locais no processo de implantação de memoriais do patrimônio arqueológico e ambiental nos povoados em cujo entorno existem vestígios arqueológicos. Elas fazem a leitura dos registros históricos e dos bens arqueológicos de forma diferente da dos arqueólogos porque, para ambos, a forma de interpretar o mundo depende dos instrumentos que eles têm ao alcance. Elas, por certo, traduzirão os registros e os artefatos em explicações que condizem com a sua cosmologia.

As explicações dos fatos e dos artefatos atualizam-se e multiplicam-se, assim, na forma de traduções contemporâneas. As leituras das evidências são individuais, por serem feitas por cada indivíduo, e múltiplas porque são realizadas por várias pessoas. Assim, pesquisadores e a população local devem participar conjuntamente na tarefa de preservar a riqueza cultural e natural herdada. Com essa riqueza preservada, o passado faz-se presente, ajudando a criar e/ou fortalecer a identidade nacional, no respeito à diversidade das culturas e das etnias, mesmo que genéricas, que a compõem.

3 Levantamento de informações documentais e da tradição oral, com prospecções e/ou escavações arqueológicas, nas fazendas Bolandeira, São Vítor, Água Verde, Jenipapo e Ponta da Serra

No primeiro ano de execução do projeto PET – Arqueologia / UNIVASF (2011), chamaram particular atenção as fazendas **Bolandeira, São Vítor, Água Verde, Jenipapo e**

Ponta da Serra, pelas informações conservadas na memória popular e pelas suas antiguidades. Decidiu-se, por isso, aprofundar a busca de informações sobre as referidas fazendas.

Iniciou-se a pesquisa com um levantamento bibliográfico, histórico, oral e imagético sobre as fazendas Bolandeira, Água Verde e Ponta da Serra. Fez-se, em seguida, o reconhecimento da área onde a população local diz ter sido edificada a Casa da Bolandeira, no município de Caracol PI, a sede da fazenda Água Verde, bem como a igreja e o cemitério de Ponta da Serra.

Prosseguiu-se com levantamento do grau de integridade das edificações e da potencialidade para se realizar escavações arqueológicas nos locais. Levantaram-se nesse momento, algumas hipóteses sobre os fatores que influenciaram na destruição dos sítios (antrópicos e/ou naturais). Em seguida realizou-se a atividade de prospecção na superfície dos sítios e no seu entorno. Nesse momento fez-se o registro fotográfico do que se considerou relevante. Iniciou-se, então, o levantamento de informações orais de moradores próximos à localidade em questão.

3.1 A Casa da Bolandeira de Caracol

A Casa da Bolandeira não existe mais como edificação. No local onde ela fora edificada encontra-se apenas parte dos alicerces, estruturas de base (maior parte coberta por sedimentos), restos de tijolos provenientes das antigas paredes e/ou do piso, fragmentos de telhas e alguns artefatos de metal, vidro, de cerâmica e de louça, na superfície.

Com informes da população local, fortalece-se a hipótese de que o espaço físico da Casa da Bolandeira teria servido, originalmente, como **Casa de Amansamento de Índios**. É provável que, nas primeiras décadas do Século XX, tenha-se reaproveitado o espaço para a implantação do maquinário de uma indústria de óleo de mamona e de algodão, amplamente cultivados em quase todo o Nordeste Semiárido.

Sobre a Casa da Bolandeira muitas histórias estão, ainda, por serem escritas. O espaço que a Casa da Bolandeira ocupa na memória da população demonstra sua importância mnemônica (marcadora de memória). Dele as pessoas de diversas etnias que compõem a população do Município de Caracol - PI não querem esquecer. Nele evidenciaram-se conflitos nas relações de produção e de poder. Apesar das inovações tecnológicas e produtivas que deram ressignificação ao espaço físico, os relatos sobre

negociatas escusas, enterramentos, batalhas, emboscadas e assombrações existem, resistem e insistem nas ruínas materiais desse local.

3.2 A Fazenda Água Verde

Identificou-se, na Fazenda Água Verde, no município de Coronel José Dias – PI, uma casa antiga, relativamente bem conservada, que a população local informa ter sido construída por um dos primeiros colonizadores do Estado do Piauí. Os detalhes técnicos das fundações e das paredes de alvenaria reforçam a tradição oral. A casa é simples como o eram as casas antigas grandes fazendas da região. A riqueza dos proprietários revelava-se nos currais. Neles realizavam-se as atividades de ordenha, de aparação dos bezerros, de curativos nos ferimentos e de castração.

3.3 A Fazenda Ponta da Serra

No povoado de Ponta da Serra, a 84 km da sede do município de Dom Inocêncio, existe uma capela antiga. Ela situa-se em terras que pertenceram a uma sesmaria do atual estado piauiense. De acordo com relatos de moradores, ela teria sido construída em 1874, por Frei Henrique Cavalcante. Esse missionário teria percorrido toda a região, edificando templos católicos. Além desta capela, ele construiu a igreja de Remanso, no atual estado da Bahia, de São João, de São Raimundo Nonato e de Caracol, no atual estado do Piauí. Segundo a tradição oral, a Capela de Ponta da Serra teria sido o primeiro dos templos edificadas por ele. A cada ano, um novo templo teria sido edificado. Esta capela teria sido construída com mão de obra escrava e apoio financeiro de Carlão do Outeiro.

A tradição local retrata Carlão do Outeiro como um grande proprietário de terras, conhecido por sua brutalidade e rigidez no trato com os escravos. Conta-se que os acusava, injustamente, de roubo, quando sumia alguma de suas reses. Outros relatos dão conta de que, ao realizar negócios com boiadeiros de lugares distantes, acabava por enviar jagunços assassinares os compradores, ficando com o dinheiro e o gado. Vendo-se perto da morte, teria financiado a construção da capela para indulgência de seus pecados. Segundo a tradição oral, ele e sua esposa teriam sido sepultados ao lado da capela que ele ajudou a edificar.

Ao longo do tempo, a capela sofreu muitas reformas, o que contribuiu para a descaracterização da sua arquitetura. Uma delas foi feita em 1984. A reforma teria chamado

a atenção da comunidade porque, com ela, foram implantados elementos completamente inapropriados ao estilo da construção. O teto e a parte externa da capela foram os que mais sofreram. O alicerce, feito com grandes pedras, ainda é o original. As paredes são, ainda, as mesmas. A torre também conserva a arquitetura original. Os comentários da população local a respeito da reforma da capela fizeram com que se buscasse conhecer a sua história e se preservasse algumas de suas partes originais.

O povoado de Ponta da Serra oferece um inquietante potencial arqueológico e patrimonial. Há histórias, conservadas pela tradição, de que o local, em outra época, teria uma população bem maior. Diz-se que era um lugar de encontros comerciais e religiosos. Nele havia, até mesmo, um posto fiscal. Nele, há também muitos tanques e currais de pedra. Não se sabe por quem e em que época essas estruturas foram feitas. Sua arquitetura remete a técnicas jesuíticas de construção.

A partir das pesquisas produziram-se dois artigos e uma monografia: 1. SOUZA, Leonardo Tomé de; SILVA, Rodrigo Bernardo da; CORREIA, Silvyo Bruno Guerra; KESTERING, Celito. **A Casa da Bolandeira de Caracol – PI**. Publicado em www.historiaehistoria.com.br (ISSN 1807-1783) no dia 15 de fevereiro de 2013. 18 p.. 2. PEREIRA JÚNIOR, Caio Dias; KESTERING, Celito. **Potencial arqueológico na região de Ponta da Serra, no Município de Som Inocência – PI**. (Prelo na Revista Vestígios). 3. ALVES, Marcelo Ribeiro. **Fazenda Água Verde - PI: retalhos históricos e detalhes arquitetônicos** (Monografia para bacharelado). 2013. Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF. 2013, 103 p.

4 Cartilha

A cartilha foi o resultado da ação conjunta do Tutor: Celito Kesting; dos Colaboradores: Janaina Carla dos Santos, Leandro Surya Carvalho de Oliveira Silva, Mauro Alexandre Farias Fontes, Nívia Paula Dias de Assis, Vivian Karla de Sena, Waldimir Maia Leite Neto e Gisele Daltrini Felice. Teve apoio do corpo administrativo do Campus Serra da Capivara: Angélica Maria de Vasconcelos Azevedo, José Hermes Carvalho Paes, Lívia de Oliveira e Lucas, Paulo Oliveira Silva e Sandro Ribeiro de Castro. Ela contou, ainda, com a ajuda de membros externos da UNIVASF, quais sejam: Alix Pereira Galvão – REEEPI; Ana Stela de Negreiros Oliveira – IPHAN; Déborah Gonsalves Silva – UESPI e Niède Guidon – FUMDHAM. Contribuíram, também, os bolsistas: Claudio Marcio Barbosa de Siqueira, Ianthe Santos Silva, Ingrid Lopes de Oliveira, Jéssica Rafaella de Oliveira, José Nicodemos Chagas Júnior, Leonardo Tomé de Souza, Lucas Braga da Silva, Rodrigo Bernardo da Silva,

Silvyo Bruno Guerra Correia, Taiguara Francisco Alexo da Rocha Silva, Tâmara Grazielle Cavalcante Moraes, Marcelo Alves Ribeiro, bem como os voluntários: Amanda Nunes Cavalcante e Jaime de Santana Oliveira.

O projeto cartilha visa à produção de um material bibliográfico na forma de um livreto com o objetivo de estimular e proporcionar a difusão do conhecimento histórico da formação do município de São Raimundo Nonato, além de destacar grupos sociais esquecidos ou marginalizados na historiografia tradicional sanraimundense.

Essa atividade foi realizada a partir de consulta a material bibliográfico de caráter científico. Para tal, fez-se uma pesquisa no acervo material existente na Fundação Museu do Homem Americano a respeito dos sítios escolhidos. Os dados foram compilados com linguagem acessível aos alunos da rede de ensino do município de São Raimundo Nonato. Ela teve como resultado a edição de exemplares da cartilha para distribuição nas escolas da rede de ensino, pública e privada, do Município de São Raimundo Nonato.

Foi muito boa a participação dos petianos na confecção da cartilha. Por não ter sido ainda distribuída, não se pode aferir a assimilação do seu conteúdo pela comunidade escolar, conforme se tinha planejado. Espera-se uma avaliação positiva porque o seu conteúdo corresponde ao que se propôs e está apresentado de forma sistemática e clara, com ilustrações adequadas e pertinentes.

76

5 Oficina nas Escolas

Essa atividade não foi realizada no ano 2012 porque não se dispunha da cartilha. Pretende-se incluí-la no planejamento para o ano 2013.

6 Publicação do relatório das atividades do PET – Arqueologia em 2011 e de monografias do Curso de História da UESPI e do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da UNIVASF

Para demonstrar seu compromisso com a história da sociedade sanraimundense o Grupo PET – Arqueologia / UNIVASF publicou um livro sobre o que já se pesquisou sobre o tema **Escavando história: São Raimundo Nonato além dos cem anos**. Esta atividade foi desenvolvida por professores e estudantes do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do São Francisco - UNIVASF e da Universidade

Estadual do Piauí – UESPI. Dela participou, também, a superintendente da 19ª Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

O livro constitui-se de capítulos. Em um deles apresentam-se os resultados das pesquisas do Grupo PET – Arqueologia – UNIVASF durante o ano de 2011. Os outros capítulos contêm monografias redigidas por estudantes do Curso de História da Universidade Estadual do Piauí - UESPI e por estudantes do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF. As monografias versam sobre aspectos da história da região Sudeste do Piauí ou sobre vestígios da cultura material produzidos por setores que auxiliaram na sua edificação.

Organizou-se um livro de 432 páginas, divididas em onze capítulos, distribuídos em seis partes assim distribuídas: I - Olhar dos Bolsistas do PET sobre a Colonização do Piauí; II – História; III – Arqueologia; IV - Memória, História, Arqueologia e Patrimônio; V - Patrimônio e VI - Sociedade.

Subdividem-se as partes em capítulos, quais sejam:

HISTÓRIA: São Raimundo Nonato, um Projeto de Emancipação Política e Sertanejos da Borracha: o comércio da maniçoba no município de São Raimundo Nonato (1890-1960).

ARQUEOLOGIA: Visitas didáticas à Casa de Neco Coelho e Modo de vida dos maniçobeiros nos artefatos domésticos da Casa do Alexandre.

MEMÓRIA, HISTÓRIA, ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO: Guerra da Telha: Memória, História, Arqueologia e Patrimônio.

PATRIMÔNIO: Os rituais do Morro do Cruzeiro: atributos da identidade sanraimundense; Queimadas do Senhor do Bonfim: entre o céu e o inferno; O patrimônio edificado da cidade de Coronel José Dias – PI e A temática do patrimônio cultural no currículo escolar.

SOCIEDADE: O papel da mulher no desenvolvimento socioeconômico de São Raimundo Nonato: um estudo de gênero (1912-1970).

KESTERING, Celito (Org.). **Escavando a história de São Raimundo Nonato – PI**. 2012. 432 p. Autores: Ana Stela de Negreiros Oliveira; Celito Kesting; Claudio Marcio Barbosa de Siqueira; Déborah Gonsalves Silva; Estelita dos Santos Braga; Felipe Silva Sales; Gabriel Frechiani de Oliveira; Ianthe Santos Silva; Ingrid Lopes de Oliveira; Jaime de Santana Oliveira; Jéssica Rafaella de Oliveira; José Nicodemos Chagas Júnior; Jucinéa dos Santos Mota; Juliana Ferreira Sorgine; Leonardo Tomé de Souza; Lucas Braga da Silva; Maria de Fátima Paes de Almeida Neta; Marian Helen da Silva Gomes Rodrigues; Mauro

Alexandre Farias Fontes; Ney Clemente Dias Brito; Pávula Maria Sales Nascimento; Rianne Maria Oliveira Paes; Rodrigo Bernardo da Silva; Silvyo Bruno Guerra Correia; Taiguara Francisco Alexo da Rocha Silva; Tamara Grazielle Cavalcante Moraes; Tânia Maria de Castro Santana; Vivian Karla de Sena e Waldimir Maia Leite Neto.

7 Exposição do acervo arqueológico histórico

Esta atividade foi desenvolvida pelos professores do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da UNIVASF que são membros da equipe de execução do Projeto. Participaram efetivamente desta atividade os estudantes bolsistas e voluntários do PET. Arqueologia. UNIVASF. Ela tinha como objetivo expor o acervo arqueológico histórico referente aos trabalhos de conclusão de curso, feitos por estudantes do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da UNIVASF. Apresentar artefatos e fotografias referentes à **Guerra da Telha**, descritos por Tânia Maria de Castro Santana (Monografia) e **ao Contexto Maniçobeiro nos artefatos domésticos do sítio Casa do Alexandre**, descrito por Felipe Silva Sales (Monografia) (Fig. 1).

Figura 1 - Tamara Grazielle Cavalcante Moraes (bolsista do PET), coordenando a exposição



Foto: Celito Kesting (2013)

A exposição realizou-se, durante uma semana, na Universidade Estadual do Piauí, em expositores confeccionados com parte dos recursos de custeio repassados pela CAPES. Apresentaram-se fotos de artefatos da Guerra da Telha, ocorrida na zona rural do município de Dirceu Arcoverde - PI, mais precisamente na Fazenda Telha. Apresentaram-se, também artefatos encontrados durante a escavação do sítio Casa do Alexandre é um remanescente cultural do contexto de exploração do látex de maniçoba na região Sudeste do Piauí.

A equipe responsável pela exposição mostrou bom desempenho em adquirir e acondicionar os artefatos e as fotos nos mostruários. Para ver as amostras, afluíram, ao local, muitos estudantes da Universidade Estadual do Piauí – UESPI e a população do centro da cidade de S. Raimundo Nonato.

8 Participação na V Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão - SCIENTEX

A V Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão ocorreu no Centro de Multi-eventos da UNIVASF, na cidade de Juazeiro – BA, no período de 22 e 24 de novembro de 2012. Nela realizou-se a VII Jornada de Iniciação Científica. Integrantes do grupo PET – Arqueologia / UNIVASF aproveitaram o ensejo para apresentar o resultado de seus trabalhos juntamente com outras apresentações que ocorriam no evento. Participaram efetivamente desta atividade os estudantes bolsistas do PET. Arqueologia. UNIVASF, bolsistas do Programa de Iniciação Científica - PIBIC e estudantes da Disciplina Optativa Pré-história do Vale do São Francisco que realizaram atividades de pesquisa na Área Arqueológica de Sobradinho, Vale do Rio São Francisco. Tinha-se o objetivo de apresentar os resultados das atividades de pesquisa realizadas no período de junho a novembro de 2012.

Com slides e data show, fez-se a apresentação oral das seguintes atividades realizadas:

- 1. Potencial arqueológico na região de Ponta da Serra, município de D. Inocêncio – PI**
Apresentação: Caio Dias Pereira Júnior (estudante)
- 2. Tapuias de São Raimundo Nonato no contexto histórico regional da segunda metade do século XVIII (1752 a 1783)**
Apresentação: Celito Kesting (professor), Jéssica Rafaella de Oliveira, José Nicodemos Chagas Júnior (bolsistas do PET - Arqueologia) e Jaime de Santana Oliveira (Voluntário do PET – Arqueologia)
- 3. Organização geográfica do município de São Raimundo Nonato – PI, da sua fundação aos dias atuais**

Apresentação: Claudio Marcio Barbosa de Siqueira, Jéssica Rafaella de Oliveira, José Nicodemos Chagas Júnior (bolsistas do PET – Arqueologia) e Jaime de Santana Oliveira (voluntário do PET – Arqueologia)

4. Apresentação da cartilha

Apresentação: Vivian Karla de Sena, Waldimir Maia Leite Neto (professores colaboradores do PET - Arqueologia) e Lucas Braga da Silva (bolsista do PET – Arqueologia)

5. A Casa da bolandeira de Caracol – PI

Apresentação: Leonardo Tomé de Souza (bolsista do PET – Arqueologia)

6. Escavação do Sítio arqueológico Pedra Gêmea, no município de Sento Sé – BA – I Etapa

Apresentação: Celito Kesting, Gizelle Santos de Sousa, Leonel Brizola Vieira Júnior e Leylianny Nara Oliveira Paes

7. Escavação do Sítio arqueológico Toca do Sobrado, no município de Sento Sé – BA – I Etapa

Apresentação: Celito Kesting, Felipe Silva Sales, Rafael Barreto Rubens Siqueira Negreiros e Cleilton Damasceno Macêdo

8. Escavação do Sítio arqueológico Furna do Caçador, no município de Sento Sé – BA – I Etapa

Apresentação: Celito Kesting, Amanda Nunes Cavalcante e Maria de Fátima Paes de Almeida Neta

9. Escavação do Sítio arqueológico Pedra do Cavalo, no município de Sento Sé – BA – I Etapa

Apresentação: Celito Kesting, Jaionara Rodrigues Dias da Silva e José Nicodemos Chagas Júnior (bolsista do PET – Arqueologia)

10. Prospecção arqueológica na Serra do Olho D'Água, em Sobradinho - BA

Apresentação: Celito Kesting e Geórgia Layla Holanda de Araújo

11. Contexto geoambiental do Serrote do Morrinho, em Sento Sé – BA

Apresentação: Morgana Cavalcante Ribeiro e Celito Kesting

A apresentação dos trabalhos serviu de incentivo à pesquisa, tanto para os apresentadores quanto para os expectadores.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
CAMPUS TERRA DA CAPIVARA – SÃO RAIMUNDO NONATO-PT
COLÉGIO DE ARQUEOLOGIA E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL - CARQUEOI.
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL EM ARQUEOLOGIA
PET-ARQUEOLOGIA/UNIVASF

CONVITE

São Raimundo Nonato – PI, 16 de agosto de 2013

Prezado(a) Sr(a) _____

O Grupo PET – Arqueologia / UNIVASF sentir-se-á honrado com a sua presença e participação na **II Exposição e I Ciclo de Palestras do Projeto: Escavando História: São Raimundo Nonato além dos cem anos**, que acontecerá na antiga sede do Pro-Arte, Rua Abdias Neves, S/N - Centro, no período de 19 a 21 de agosto, conforme programação anexa.

Prof. Dr. Celito Kesterling
Tutor do Grupo PET – Arqueologia / UNIVASF

Contatos:

E-mail: cmbs.a.rq@gmail.com | TIM: (89) 9903-4603 | VIVO: (89) 8107-5168

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
CAMPUS SERRA DA CAPIVARA – SÃO RAIMUNDO NONATO-PI
COLÉGIADO DE ARQUEOLOGIA E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL – CARQUEOL
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL EM ARQUEOLOGIA
PET-ARQUEOLOGIA/UNIVASF

CONVITE

São Raimundo Nonato – PI, 16 de agosto de 2013

Prezado(a) Sr(a) _____

O Grupo PET – Arqueologia / UNIVASF sentir-se-á honrado com a presença e a participação da comunidade escolar na **II Exposição e I Ciclo de Palestras do Projeto: Escavando História: São Raimundo Nonato além dos cem anos**, que acontecerá na antiga sede do Pro-Arte, Rua Abdias Neves, S/N, Centro, no período de 19 a 21 de agosto, conforme programação anexa.

Destacamos o lançamento de uma cartilha de educação patrimonial, com a qual se objetiva realizar oficinas de Educação Patrimonial nas Unidades Escolares de Ensino Fundamental no Município de São Raimundo Nonato. Gostaríamos de contar com um representante de cada instituição de ensino no lançamento da referida cartilha para agendarmos oficinas nas escolas.

Prof. Dr. Celito Kesterling
Tutor do Grupo PEI – Arqueologia / UNIVASF

Contatos:

E-mail: cmbs.arq@gmail.com | TIM: (89) 9903-4603 | VIVO: (89) 8107-5168

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
CAMPUS SERRA DA CAPIVARA – SÃO RAIMUNDO NONATO-PI
COLEGIADO DE ARQUEOLOGIA E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL - CARQUEOI.
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL EM ARQUEOLOGIA
PET-ARQUEOLOGIA/UNIVASF

CONVITE

São Raimundo Nonato – PI, 16 de agosto de 2013

Prezado(a) Sr(a) _____

O Grupo PET – Arqueologia / UNIVASF sentir-se-á honrado com a presença e a participação da comunidade celesiástica na **II Exposição e I Ciclo de Palestras do Projeto: Escavando História: São Raimundo Nonato além dos cem anos**, que acontecerá na antiga sede do Pro-Arte, Rua Abdias Neves, S/N, Centro, no período de 19 a 21 de agosto, conforme programação anexa.

Prof. Dr. Celito Kesting
Tutor do Grupo PET – Arqueologia / UNIVASF

Contatos:

E-mail: cmbs.a.rq@gmail.com | TIM: (89) 9903-4603 | VIVO: (89) 8107-5168

Fotos

Figura 1 - Coquetel de encerramento da II Exposição e I Ciclo de Palestras



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 2 – Coquetel de encerramento da II Exposição e I Ciclo de Palestras



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 3 - Coquetel de encerramento da II Exposição e I Ciclo de Palestras



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 4 - Coquetel de encerramento da II Exposição e I Ciclo de Palestras



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 5 - Coquetel de encerramento da II Exposição e I Ciclo de Palestras



86

Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 6 – Exposição de fotos de artefatos da Guerra da Telha



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 7 – Exposição de fotos de artefatos da Guerra da Telha



87

Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 8 – Exposição de fotos de artefatos da Guerra da Telha



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 9 – Exposição de fotos de artefatos da Guerra da Telha



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 10 – Exposição de fotos de artefatos da Guerra da Telha



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 11 – Exposição de artefatos arqueológicos da região Sudeste do Piauí



89

Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 12 – Exposição de artefatos arqueológicos da região Sudeste do Piauí



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 13 – Exposição de artefatos arqueológicos da região Sudeste do Piauí



90

Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 14 – Exposição de atividades desenvolvidas pelo Grupo PET - Arqueologia



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 15 – Exposição de atividades desenvolvidas pelo Grupo PET - Arqueologia



91

Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 16 – Visita de professores e estudantes da rede de ensino de São Raimundo Nonato - PI



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 17 – Visita de professores e estudantes da rede de ensino de São Raimundo Nonato - PI



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 18 – Visita de professores e estudantes da rede de ensino de São Raimundo Nonato - PI



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 19 – Visita de professores e estudantes da rede de ensino de São Raimundo Nonato - PI



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 20 – Visita de professores e estudantes da rede de ensino de São Raimundo Nonato - PI



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 21 – Visita de professores e estudantes da rede de ensino de São Raimundo Nonato - PI



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 22 – Visita de professores e estudantes da rede de ensino de São Raimundo Nonato - PI



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 23 – Visita de professores e estudantes da rede de ensino de São Raimundo Nonato - PI



95

Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 24 – Visita de professores e estudantes da rede de ensino de São Raimundo Nonato - PI



Foto: Celito Kesting, 2013)

Figura 25 – Visita de professores e estudantes da rede de ensino de São Raimundo Nonato - PI



96

Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 25 – Visita de professores e estudantes da rede de ensino de São Raimundo Nonato - PI



Foto: Celito Kesting (2015)

Figura 27 – Visita de professores e estudantes da rede de ensino de São Raimundo Nonato - PI



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 28 – Visita de professores e estudantes da rede de ensino de São Raimundo Nonato - PI



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 29 – Visita de professores e estudantes da rede de ensino de São Raimundo Nonato - PI



98

Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 30 – Visita de professores e estudantes da rede de ensino de São Raimundo Nonato - PI



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 31 – Visita de professores e estudantes da rede de ensino de São Raimundo Nonato - PI



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 32 – Visita de professores e estudantes da rede de ensino de São Raimundo Nonato - PI



Foto: Celito Kesting (2015)

Figura 33 – Visita de professores e estudantes da rede de ensino de São Raimundo Nonato - PI



100

Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 34 – Visita de professores e estudantes da rede de ensino de São Raimundo Nonato - PI



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 35 – Visita de professores e estudantes da rede de ensino de São Raimundo Nonato - PI



101

Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 36 – Visita de professores e estudantes da rede de ensino de São Raimundo Nonato - PI



Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 37 – Visita de professores e estudantes da rede de ensino de São Raimundo Nonato - PI



102

Foto: Celito Kesting (2013)

Figura 38 – Momento de descontração da equipe organizadora do evento



Foto: Celito Kesting (2013)